

ENCONTRO COM O ESQUECIDO

COMPLEXO CULTURAL NA CIDADE DE RIO CLARO



SÃO CARLOS, 2025

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO II

BEATRIZ HABERMANN

ENCONTRO COM O ESQUECIDO:
CRIAÇÃO DE UM COMPLEXO CULTURAL NA CIDADE DE RIO CLARO

COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO PERMANENTE (CAP)

ALINE COELHO SANCHES

JOUBERT JOSÉ LANCHÁ

PAULO CÉSAR CASTRAL

LUCIANA BONGIOVANNI.M. SCHENK (ORIENTADORA)

COORDENADOR DO GRUPO TEMÁTICO (GT)

PROFA. GISELA CUNHA VIANA LEONELLI

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

BEATRIZ HABERMANN

ENCONTRO COM O ESQUECIDO:
CRIAÇÃO DE UM COMPLEXO CULTURAL NA CIDADE DE RIO CLARO

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO APRESENTADO AO INSTITUTO DE
ARQUITETURA E URBANISMO DA USP – CAMPUS DE SÃO CARLOS.

BANCA EXAMINADORA:

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

HABERMANN, Beatriz
ENCONTRO COM O ESQUECIDO: CRIAÇÃO DE UM COMPLEXO CULTURAL NA CIDADE DE RIO CLARO / Beatriz . -- São Carlos, 2025.
149 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2025.

1. Patrimônio Imaterial. 2. Paisagem. 3. Complexo Cultural. 4. Projeto arquitetônico. 5. Rio Claro. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

(PROFA. LUCIANA BONGIOVANNI .M. SCHENK)
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO – IAU
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP

(PROFA. GISELA CUNHA VIANA LEONELLI)
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO – IAU
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP



CC0 – Domínio Público



motivações

Tive como motivação principal para escolha do tema e para a construção deste trabalho, o interesse em atividades culturais e na leitura da comunidade e de suas preexistências imateriais/materiais como ferramenta projetual mais potente. Escolher Rio Claro foi por muitas vezes uma dualidade, já que mesmo frequentando todo meu Ensino Médio na cidade, não foi o local onde nasci ou cresci na infância. Apesar disso, grande parte da minha família reside na cidade, além de grandes vínculos que tive durante meu estudo.

Das vezes que circulava por Rio Claro no meu Ensino Médio, caminhava na área central da cidade, junto ao Terminal de ônibus urbano e áreas comerciais próximas a minha escola. Minha sensação durante esse tempo é que as atividades ferroviárias sempre estiveram intrínsecas as atividades urbanas na cidade, uma contrastando a outra, além de ocupar grande parte da paisagem e do meu cenário desta época.

A diminuição das atividades ferroviárias me trouxeram reflexões sobre como este espaço seria transformado dali para frente, e de que forma ele poderia impactar novos jovens como nos impactou.

Assim, no TGI, eu vi a chance de responder essa perguntar e compreender melhor quais eram as atividades que poderiam acontecer ou que já acontecem naquela área. Conhecer melhor as atividades no MM BOXE e as demais atividades culturais do galpão me fizeram compreender a proporção de significados que aquela área tinha, mas dessa vez, não só para mim.

Compreender o valor que aquele espaço tinha e as formas que as atividades culturais poderiam se expandir ou, ainda mais, ocuparem esse grande espaço, foi a chave que me fez olhar para Rio Claro de uma nova forma, uma nova possibilidade e uma nova paisagem para futuros caminhantes/visitantes.

resumo

O presente projeto propõe a discussão sobre os espaços esquecidos próximos a estação ferroviária na cidade de Rio Claro em meio ao crescimento urbano e as atividades culturais produzidas pela comunidade dentro de antigos galpões na região histórica da cidade. O projeto fundamenta-se, essencialmente, na leitura da comunidade, no estudo do território já “habitado” onde se estabelecem atividades sociais e culturais. A comunidade parte como sendo o ponto estrutural do projeto, transformando-se no próprio partido inicial de criação. É por meio da leitura dela que o projeto pode ser desenvolvido, coletando os usos e as apropriações que já são estabelecidas naquele território e nas suas proximidades. O contraponto surge quando a Estação Ferroviária, atualmente terminal urbano da cidade de Rio Claro tombada pelo CONDEPHAAT em 1985, permanece em meio a regiões abandonas e esquecidas pelo tempo como consequência do declínio das atividades ferroviárias na cidade.

Palavras-Chaves: Patrimônio Imaterial. Paisagem. Complexo Cultural. Projeto arquitetônico. Rio Claro.



SUMÁRIO

1	INQUIETAÇÕES E PREMISSA PROJETUAL _____	12
	IMATERIALIDADES E O ESQUECIMENTO DO TERRITÓRIO	
2	A CIDADE: LEITURA DO TERRITÓRIO _____	20
	RUÍNAS E ESTAÇÃO FERROVIÁRIA	
3	ÁREA E PERCEPÇÕES _____	28
	RECORTE DA ÁREA DE INTERVENÇÃO	
4	REFERÊNCIAS PROJETUAIS _____	60
5	PROCESSO E REVISÕES _____	64
	TGI I / REVISÕES E DESENVOLVIMENTO PROJETUAL	
6	O PROJETO _____	76
	COMPLEXO CULTURAL NA CIDADE DE RIO CLARO – SP PROGRAMA E PRODUTOS GRÁFICOS	
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	146
	LEITURAS E ANÁLISES	





"Os lugares de memória são,
nao antes de tudo, restos!"

NORA, PAG. 12

Em suas motivações, o projeto estuda também os elementos que foram carregados pelo tempo, que foram deixados, esquecidos ou apenas que se tornaram restos. Para além das atividades culturais, a comunidade também carrega uma memória, construída por grupos, por encontros e pelas suas tradições.

Já que a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos (NORA, pg. 9) cabe ao projeto compreender as características imateriais e materiais presentes que, neste caso, representam os moradores e a comunidade que reside próximo a estação ferroviária de Rio Claro - SP, além das práticas e tradições que são realizadas neste local.

O local motiva em relação ao seu valor simbólico, mas acima disso, sobre o valor que ele ainda pode chegar a ter para a comunidade. Comunidade esta, que já faz uso de seus "restos", da memória do local, e de suas antigas ruínas que se mantiveram mesmo próximas as outras demolições e abandonos. Fica assim, o anseio de tornar este espaço ainda mais possível de encontros e realizações de atividades, ampliando as que já são realizadas ali, mas agora com mais espaço, mais oportunidades e, principalmente, mais pessoas. Além de, tornar a região abandonada e esquecida como um ponto que possa ser presenciado e ocupado pela população, através de sua abertura, com um uso sustentável, democrático e diversificado.

1 INQUIETAÇÕES E PREMISSA PROJETUAL

A escritora e filósofa Marilena Chauí comenta sobre uma noção ampla de cultura, para a autora, cultura estaria vinculada a capacidade das pessoas de se relacionarem com o ausente, através de símbolos, costumes, rituais, entre outros. Esta noção, se atrela à capacidade humana de definir o espaço, o tempo, a natureza, o sagrado, além de trabalhar os conceitos definidos sobre o que é representado como bem ou mal por diferentes povos, comunidades ou grupos. Desta forma, esta noção, cria uma relação com a percepção de definir os valores das coisas que incluem uma cultura, além de adquirir um sentido sobre a diferença entre o presente, o passado e o futuro (CHAUI, Marilena, 2018)

Dentro desta reflexão, existe toda a história por trás da interpretação sobre o patrimônio cultural no país, que, atualmente, reconhece bens imateriais para além dos materiais, que por muito tempo foram os únicos a serem vistos pelos poderes públicos.

“No Brasil, as discussões sobre patrimônio ficaram mais intensas e apaixonadas à medida que os itens a serem preservados passaram a incluir, além de artefatos de valor histórico e artístico, “elementos culturais” intangíveis - e não apenas os relacionados à cultura de elite”
(ARANTES, pág. 56)

Dentro desta análise é possível citar a discussão que é realizada pela professora e escritora Laurajne Smith em relação a crítica do que ela chama por “Discurso Autorizado de Patrimônio” (AHD) e suas implicações para a prática profissional da gestão do patrimônio. Neste caso, enquanto defende o patrimônio como um conjunto de ações e performance, discute também de que forma este discurso influencia a forma como pensamos e agimos em relação ao passado e ao presente (SMITH,2021, pag.143) Sobre os “elementos culturais” intangíveis citados anteriormente ela comenta:

De fato, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial notou algumas mudanças no Discurso Autorizado de Patrimônio (AHD), de maneira que ao patrimônio imaterial agora é dado muito mais reconhecimento internacional. No entanto, o patrimônio imaterial ainda tende a ser menos valorizado do que lugares de patrimônio material.
(SMITH,2021, pag.145)

A chave do projeto torna-se a leitura da comunidade em conjunto com o reconhecimento de preexistências sendo elas materiais ou imateriais. O projeto parte da escolha de como relacionar estes elementos e de que formas estes irão se manifestar no espaço presente.

De acordo com a escritora Fabiola Zonno, a intervenção em espaços com valor patrimonial e/ou lugares de memória, sejam temporários ou permanentes, podem seguir estratégias quanto a valorização, a desnaturalização do olhar para o mesmo ou para suas lacunas (ZONNO, 2016, pag.41) Desta forma, cria-se a discussão sobre os elementos e as maneiras com as quais a paisagem e as preexistências, no caso deste projeto materiais e imateriais, podem se relacionar entre si.

No presente trabalho, o patrimônio imaterial, no seu sentido mais amplo, permanece com a leitura das atividades que são realizadas pela comunidade e a inclusão das mesmas no programa e no escopo projetual. Já os elementos materiais, são representados pelas preexistências ou, como dito por Pierre Nora, os restos que permaneceram ao longo dos anos com o declínio das atividades ferroviárias na cidade. Porém, vale ressaltar, como foi discutido a noção ampla de cultura, durante o processo de projeto reconheceremos lugares de memória e seus restos como os elementos que foram deixados pelo tempo, mas não necessariamente os edifícios tombados pelo órgão do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) ou CONDEPHAAT, como é o exemplo do edifício da estação ferroviária, atual terminal de ônibus urbano.

Seguindo esta reflexão, é possível ampliar a percepção acerca da própria memória e os elementos que foram sendo esquecidos em detrimento daqueles que se permaneceram vistos pela cidade e conservados por iniciativas públicas.

Por isso, a escolha do território de atuação e a maneira com a qual ela será trabalhada torna-se uma escolha de projeto. Uma vez que, assim como discutido pelo autor Bernard Tshumi, a nova arquitetura ou uma nova intervenção pode buscar, através de uma interpretação ressaltar a diferença por meio do contraste/conflito, indiferença ou a reciprocidade em relação a arquitetura, ou como no caso do projeto, a elementos da paisagem.

Ao pensar os modos de relação tanto entre conceito e contexto, como entre conceito e conteúdo, Tschumi (2004) afirma três possibilidades: a indiferença, a reciprocidade ou conflito. No que se refere ao contexto, a indiferença supõe um tipo de colagem acidental em que elementos coexistem, mas não interagem, podendo vir a caracterizar tanto justaposições poéticas como imposições irresponsáveis⁶. A reciprocidade parte de uma interação próxima, de modo complementar, quando os elementos se tornam uma única e contínua entidade. O conflito descreve um conceito arquitetônico estrategicamente elaborado para entrar em choque, como numa espécie de batalha em que ambos os protagonistas precisariam negociar sua própria sobrevivência (ZONNO, 2017, pág.71)

“A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (...).” (NORA, pág. 13)

LUGARES DE MEMÓRIA

Neste caso, torna-se importante criar estes espaços que possam ser possíveis para a permanência dessa memória, para vive-la e mantê-la existindo para a comunidade a qual ela pertence, ou, para incluir nela outras memórias e outras pessoas.

AMBIÊNCIAS

Por meio dessa abertura e desse novo território inexplorado por anos pela comunidade, é possível que o projeto busque criar diferentes ambiências e sensações. Além de desenvolver novas interpretações e novas narrativas dos espaços e de suas memórias e ruínas intocadas naquele local.

INQUIETAÇÕES E PREMISSA PROJETUAL

ABERTURA PARA A CIDADE – NOVOS ESPAÇOS

Neste caso, o território surge como um potencial para criar uma relação com o prédio existente, mas possibilitando que mais atividades e novas experiências sejam possíveis num espaço que há anos permaneceu esquecido e fechado para a cidade.

RELAÇÃO COM O PASSADO → AMPLIAÇÃO DE NOVOS LUGARES E USOS DIVERSOS

Criação de uma relação com o passado, com o esquecido e com a memória do lugar. Mas também, a possibilidade de ampliação dos espaços, dos usos e de suas novas apropriações pela cidade.

A CIDADE: LEITURA DO TERRITÓRIO RIO CLARO – SP

Surge a Cia Paulista de Estradas de Ferro, fundada em 1864 por um grupo de fazendeiros negociantes e capitalistas que necessitavam de um meio de escoar café. (NUNES, pag.12).

1864

Na cidade de Rio Claro, uma nova dinâmica de vida urbana pode ser observada a partir de 1876, onde a inauguração do edifício da Estação Ferroviária foi seguida por outras de grande importância: Gabinete de Leitura (1876); nova Igreja Matriz de São João Batista (1877), entre outras obras.

1876

Com grande destaque na região entre Campinas e Ribeirão Preto, Rio Claro foi ponta de trilho durante alguns anos, assumindo pontos de desembarque e embarque – atrativo de trabalhadores na oficina (NUNES, pag. 13).

1878

1905

Tomou a denominação de Rio Claro por Lei Estadual em 1905. Em divisão administrativa o Município de Rio Claro se compunha de 4 Distritos: Rio Claro, Ipojuca, Itaqueri da Serra e Itirapina.

1950

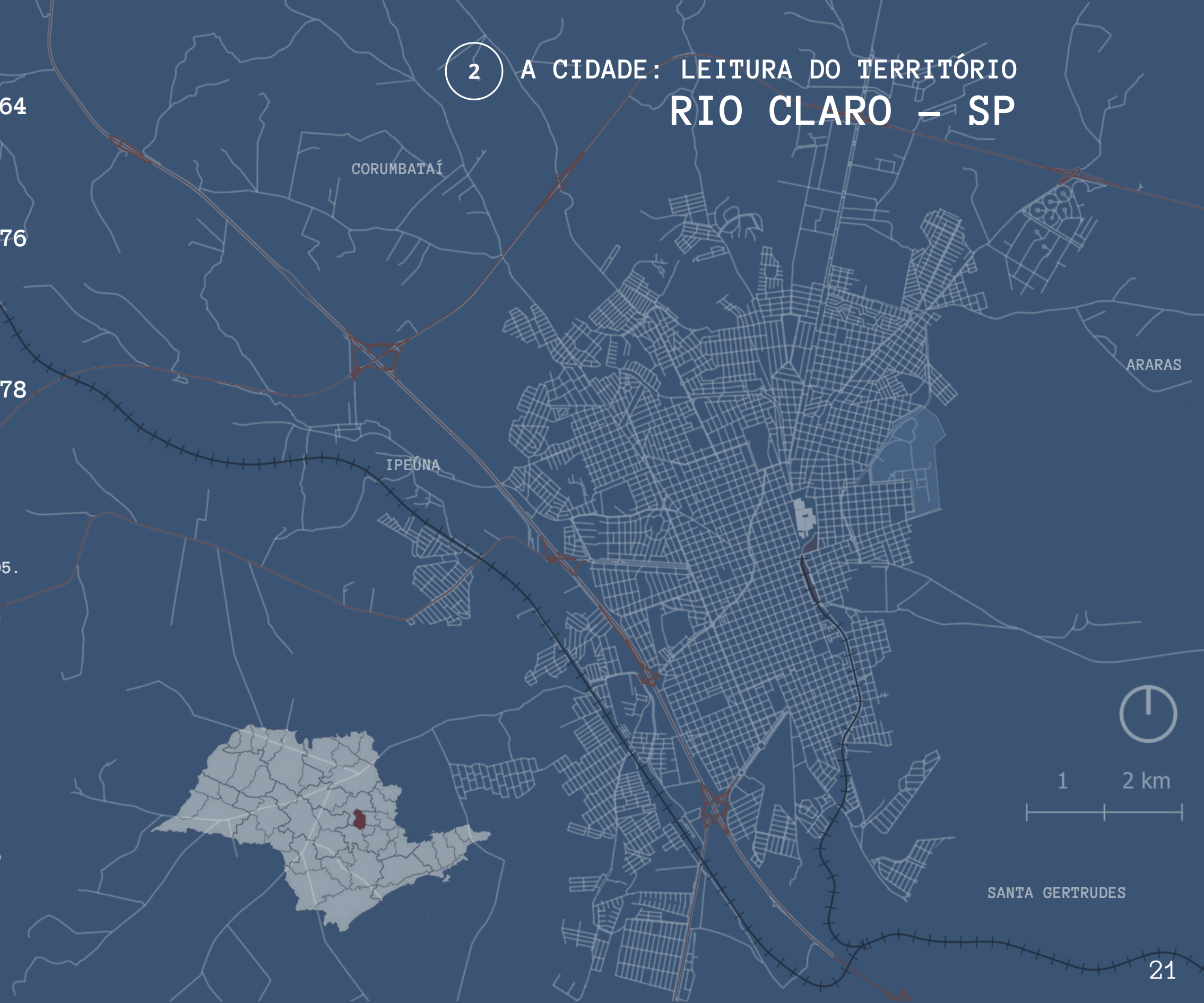
Na metade do século XIX, com crescimento e expansão das rodoviárias, as linhas férreas começaram a entrar em declínio junto a privatização das linhas.

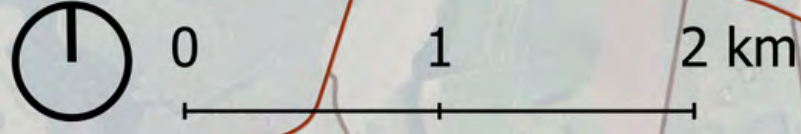
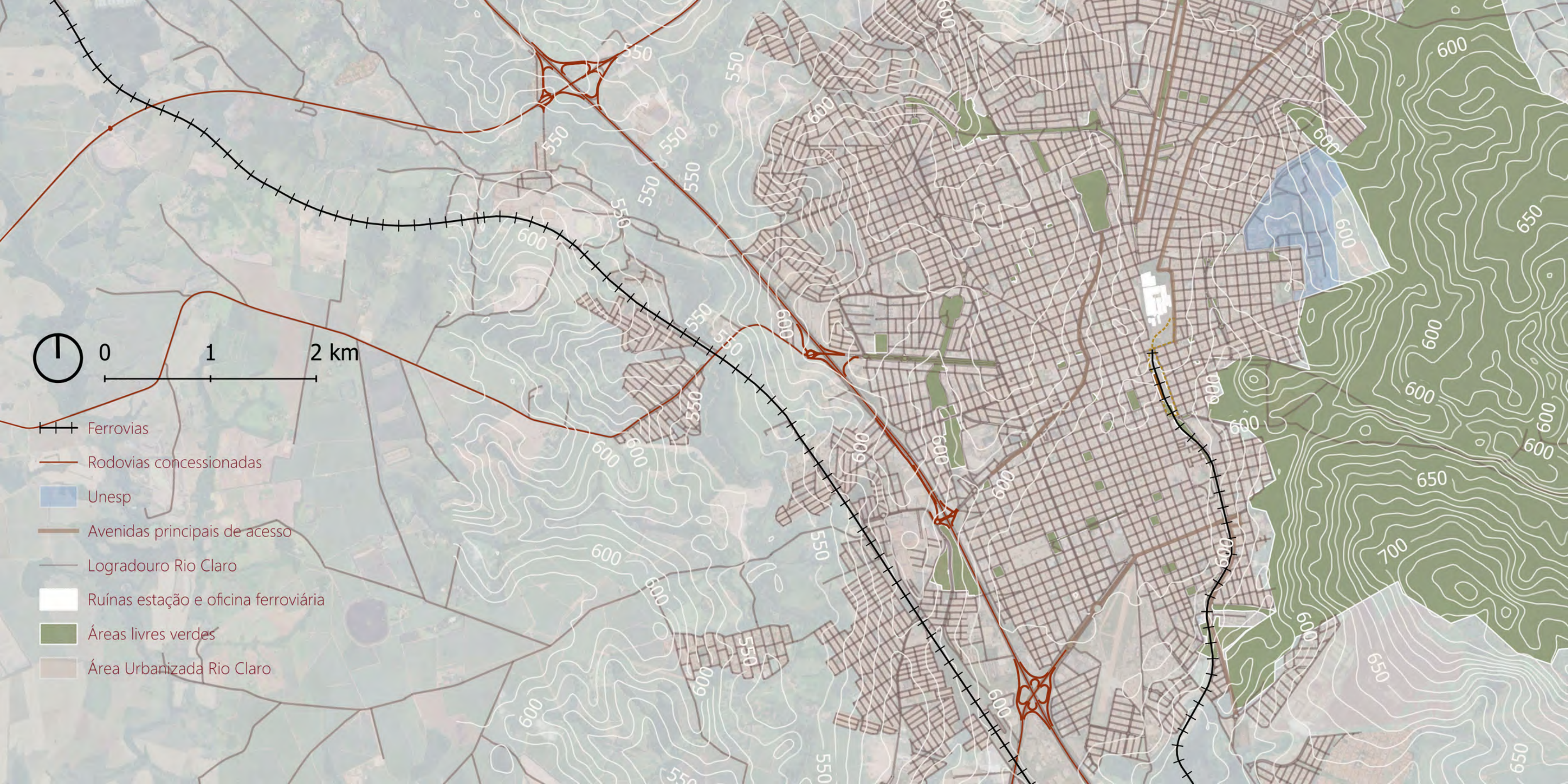
2024

Atualmente a cidade de Rio Claro conta com a estimativa para 2024, segundo o IBGE, de 208.857 pessoas, admitindo a posição de 41º no Estado de São Paulo em relação aos números populacionais.

ÁREA DE INTERVENÇÃO

Prefeitura Municipal de Rio Claro, HISTÓRIA DO MUNICÍPIO, 2024. Disponível em: <https://rioclaro.sp.gov.br/municipio/historia/>. Acesso em: 10 set 2024





- Ferrovias
- Rodovias concessionadas
- Unesp
- Avenidas principais de acesso
- Logradouro Rio Claro
- Ruínas estação e oficina ferroviária
- Áreas livres verdes
- Área Urbanizada Rio Claro

A CIDADE: LEITURA DO TERRITÓRIO

RUÍNAS E ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

RIO CLARO – SP

As estações ferroviárias adquiriram grande valor na formação da cidade, onde demarcaram novos tempos e mudanças na paisagem urbana. O crescimento das cidades onde as linhas férreas seriam desenhadas e estruturas se deu conforme a própria ferrovia crescia, principalmente no sul e sudeste do país, onde as ferrovias mais se desenvolveram. (NUNES, 2015, pag. 25).

A expansão ferroviária levou a inúmeras transformações na paisagem urbana. Com a chegada dos trilhos, geralmente ao redor das estações eram construídas casas comerciais e residenciais, formando regiões de convivência da elite das cidades. As estações serviam como um prolongamento das residências, locais onde haviam diversos encontros e convivências

Na cidade de Rio Claro, uma nova dinâmica de vida urbana pode ser observada a partir de 1876, onde a inauguração do edifício da Estação Ferroviária foi seguida por outras de grande importância: Gabinete de Leitura (1876); nova Igreja Matriz de São João Batista (1877), entre outras obras.

Durante esses anos, os dados populacionais também justificam o crescimento da cidade e da formação urbana de Rio Claro. Por exemplo, entre 1872 e 1900, a população rioclareense passou de 12.203 para 31.891 habitantes, com média simples de 703 habitantes por ano.

(FERREIRA, DE OLIVEIRA, BENINCASA, 2012, p.8)



FONTE: Facebook – Paparazzi Ferroviário

Com a expansão das linhas férreas no Brasil, principalmente entre os anos de 1860 a 1922, vilarejos, vilas e/ou novos núcleos urbanos se desenvolviam, grande parte como consequência dos novos fluxos de pessoas, comércio e economia. Nesse contexto, surge a Cia Paulista de Estradas de Ferro, fundada em 1864 por um grupo de fazendeiros negociantes e capitalistas que necessitavam de um meio de escoar café. (NUNES, pag.12).

Como cidade foco deste projeto, é necessário incluir Rio Claro neste processo de expansão e criação das linhas férreas na chamada região Oeste do país. Vale o contexto de que a cidade se situava numa área com destaque a produção e expansão de atividades agrícolas, principalmente a cana-de-açúcar e o café. Com grande destaque na região entre Campinas e Ribeirão Preto, Rio Claro foi ponta de trilho durante alguns anos, assumindo pontos de desembarque e embarque, e foi graças a essa característica, que a cidade acabou chamando um crescente número de trabalhadores vindos de diferentes cidades em busca de uma oportunidade nas demandas de mão-de-obra que surgiam nas atividades realizadas nas oficinas. (NUNES, pag. 13)

Atualmente, existem diversas discussões sobre a saída destas atividades no centro histórico e comercial da cidade, fazendo sua transferência e reinstalação em um novo bairro:

A principal exigência previa que a Rumo retirasse suas instalações do Centro Histórico para que fossem replantadas no Jardim Guanabara, devido aos impasses com as regras do Plano Diretor do município, o qual não permite operação industrial no centro da cidade. (G1, 24 de jun de 2025)



IMAGEM DA ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA.
Em:<http://www.estacoesferroviarias.com.br/r/fotos/rioclaro9702.jpg>. Acesso em: 12 set 2024



ESTAÇÃO FERROVIÁRIA ATUALMENTE. Foto Silvio Homem, em 23/2/2018
Em:<http://www.estacoesferroviarias.com.br/r/fotos/rioclaro9702.jpg>. Acesso em: 12 set 2024

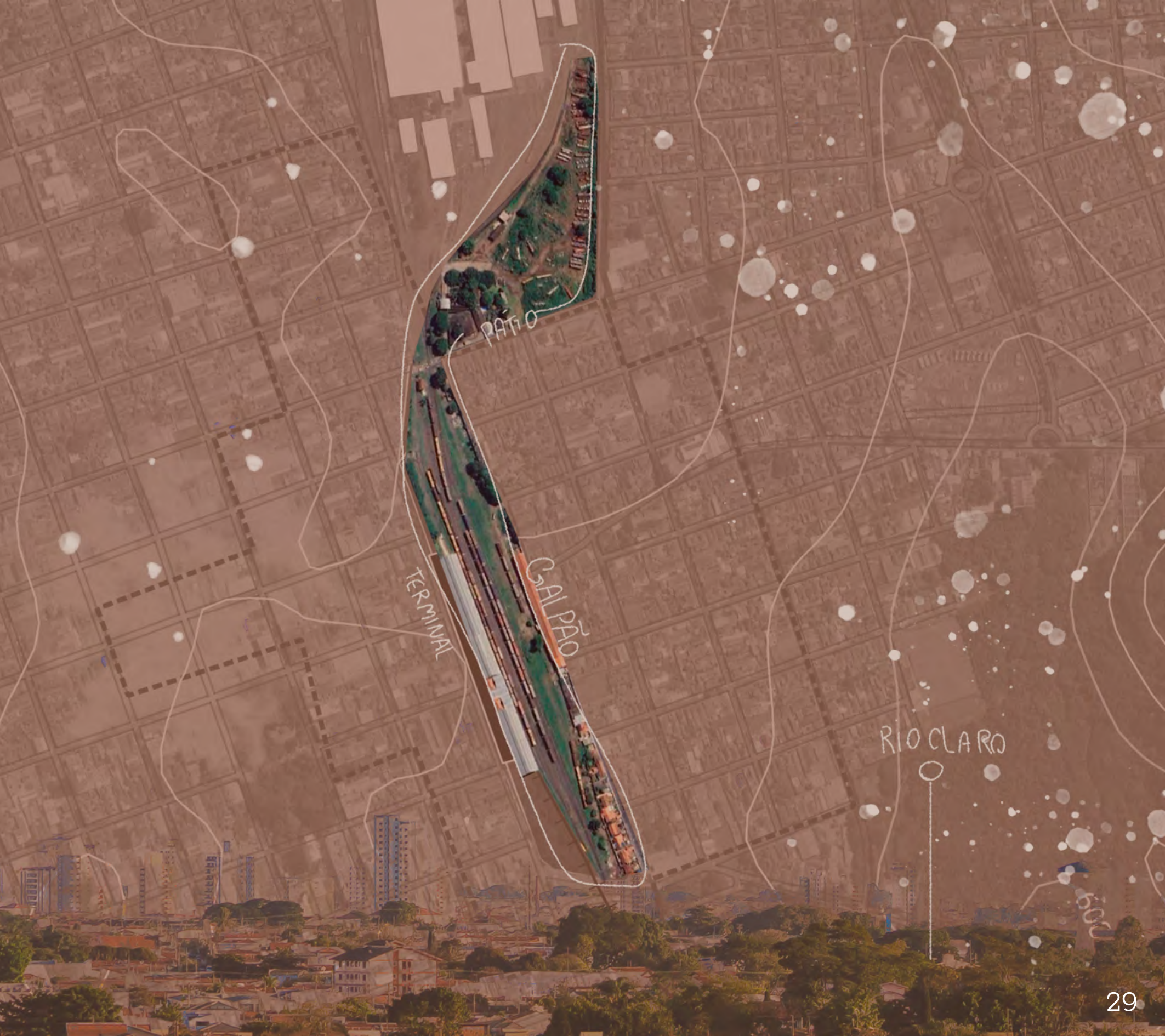
ÁREA DE INTERVENÇÃO

A Estação de Rio Claro foi inaugurada em 1876, com ao menos duas cerimônias como forma de prestigiar o momento. Uma deu-se em 30 de julho, quando a primeira locomotiva de um comboio chegou à estação para comemorar a chegada dos trilhos até ela. Outra, em 11 de agosto, quando ocorreu a festa de inauguração do prédio da estação em si e o tráfego regular de trens para a cidade. (GIESBRECHT, 2021)

Na metade do século XIX, com crescimento e expansão das rodoviárias, as linhas férreas começaram a entrar em declínio junto a privatização das linhas. Seguindo este processo, foi inevitável o sucateamento e o abandono do patrimônio ferroviário, como o exemplo da cidade de Rio Claro (NUNES, pag. 13).

Assim, considerado um marco do surgimento e crescimento da cidade, a deterioração do mesmo não foi e não é bem vista pelos moradores da cidade que relembram as antigas memórias e os antigos usos desses conjuntos ferroviários (NUNES, pag. 13).

Por fim, como discutido em todo projeto, a cidade de Rio Claro se torna um exemplo em relação a este abandono com os edifícios e as antigas dependências da estação e da oficina ferroviária.



ÁREA DE INTERVENÇÃO

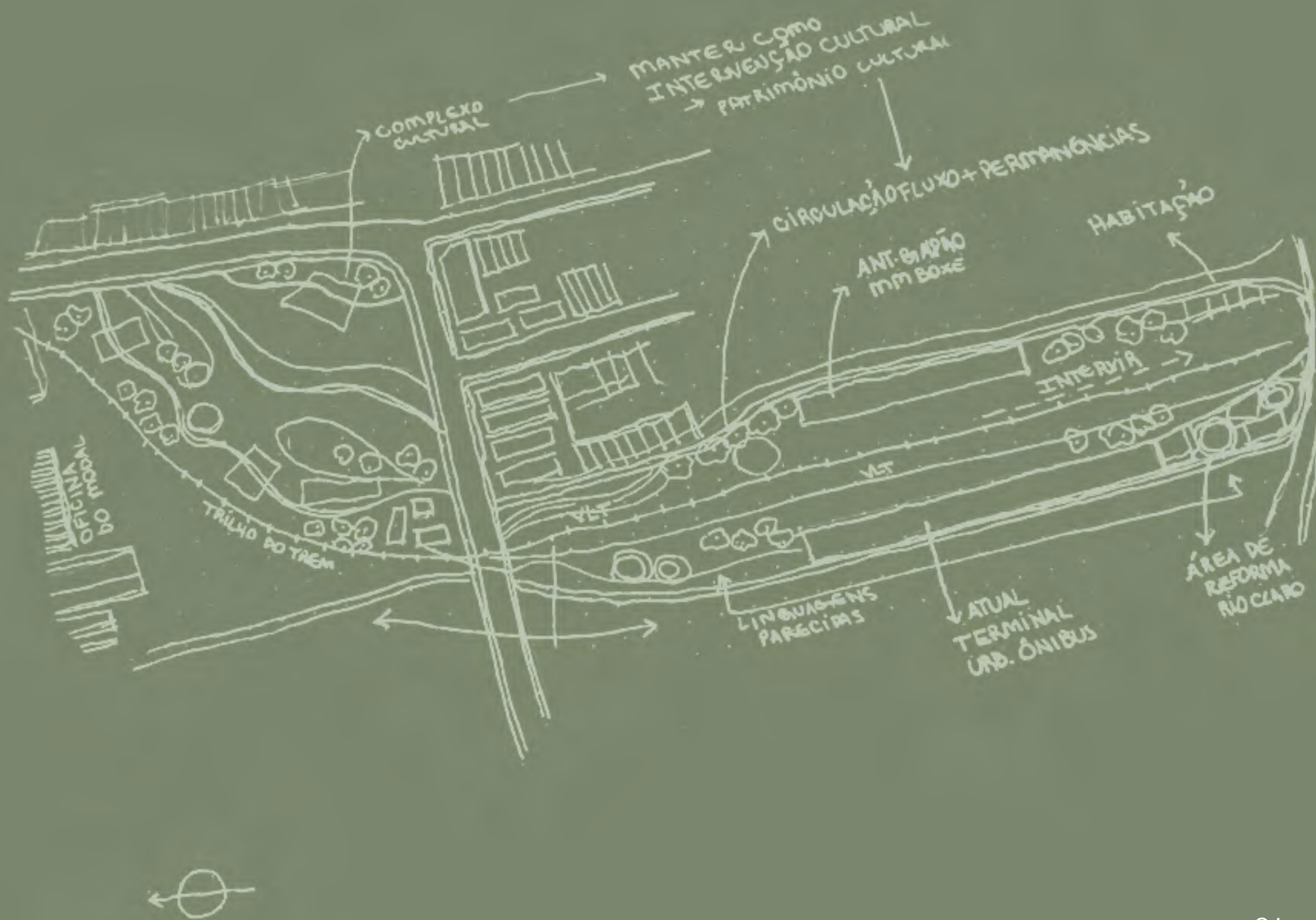
A escolha da área partiu, principalmente, pela sua potencialidade no local, próximo ao centro histórico e comercial na cidade de Rio Claro. A presença da área próxima ao terminal de ônibus urbano, junto a potencialidade de criar uma conexão entre ambos também foi um dos pontos principais a serem considerados.

As atividades em questão, como dito, ocorrem nos galpões antigos da ferroviária, e não possuem espaços adequados para ampliação ou maiores áreas de lazer ou para a realização de eventos.

Assim, o recorte do território de atuação do projeto se torna o espaço esquecido pelo tempo próximo aos galpões e a oficina da antiga estação. Ele chama a atenção em relação a sua “estagnação” com o passar dos anos e em como o território se manteve esquecido e ausente em relação a cidade.

Por meio das fotos do Google Earth, foi possível notar em como o território de manteve inerte em relação as mudanças da cidade, e, além disso, de que forma ele tem sido sucateado e abandonado pelas atividades realizadas na área.

Além da sua localização específica na cidade, a área de intervenção busca estar o mais próximo, ou pelo menos, estar em conexão com o antigo galpão de atividades, facilitando a circulação entre os novos edifícios que serão estabelecidos no projeto e as atividades organizadas no antigo galpão.



VAZIOS URBANOS E ESCOLHA DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

Entre diversas interpretações sobre o vazio urbano na cidade, entende-se que todos os processos de desenvolvimento que ocorre na cidade com o decorrer do tempo, pode gerar espaços vazios. O autor Solà-Morales define estes vazios com uma expressão chamada “Terrain Vague” com a justificativa de sua amplitude de significados conforme as características deste vazio (SOLÀ-MORALES, 2003). Por meio do encontro entre o passado e o presente, o local onde antes tinha um determinado significado, hoje não estabelece o mesmo. São lugares estranhos que uma outra vez apropriados de uma produtividade, hoje são ociosos perante toda uma nova dinâmica urbana na qual se encontra a cidade. (AUGE, 1994)

“Os vazios que configuram a cidade pontuam a descontinuidade do desenho no tecido, Assim, esses espaços vacantes pedem limites, fronteiras, barreiras físicas e naturais.” (ROSA, 2008, pag.15)

No caso da área de intervenção em questão, as barreiras físicas representam aquelas que foram sendo deixadas com o tempo pelas atividades ferroviárias, na maior parte das vezes, que não adquirem mais nenhum uso qualificado e que apenas compõem o grande vazio no centro da cidade. Neste caso, as barreiras físicas podem ser consideradas como os edifícios da antiga oficina ferroviária, os muros ou as linhas férreas sem uso há anos.

O abandono surge por meio de um equipamento público metropolitano de transporte de grande importância, causador do crescimento nucleado como na cidade de Rio Claro. Por vezes, esta atividade, muitos anos em decadência por questões políticas e socioeconômicas, causaram grande efeito na paisagem urbana das cidades, como é o caso da área de intervenção do estudo.

Ressalta-se que a área que percorre até o antigo galpão atrás do terminal de ônibus urbano foi escolha do projeto levando-se em consideração os fatores de localização estratégica, relação com a cidade e o vazio urbano que se configura próximo a significativas e sensíveis atividades culturais para a comunidade rio-clarense. Entretanto, compreende-se que a área das atividades ferroviárias são ainda maiores em toda sua extensão, podendo ser realizadas outros tipos de intervenções em locais pontuais.

Com o anúncio realizado muitas vezes sobre a saída das atividades ferroviárias na área, surge-se a questão:

O QUE SERÁ DESSE VAZIO
URBANO EM MEIO AS INTENSAS ATIVIDADES E FLUXOS DESTA ÁREA?

COMO REDESENHAR A CIDADE POR MEIO DOS VAZIOS URBANOS?

É preciso definir e classificar os espaços vazios da cidade, para lhes dar a devida destinação, com o intuito de melhorar a qualidade de vida e a experiência urbana dos indivíduos. O importante, portanto, não é apenas construir ou remodelar os vazios do zero, mas sim, compreendê-lo em suas camadas e optar por estabelecer um uso qualificado do seu território.



2005



2025 FONTE: GOOGLE EARTH

A área de projeto tem aproximadamente 26400 m², fica próximo do centro histórico da cidade e serve como área de depósito da oficina ferroviária a mais de 20 anos.
A área que se desenvolve até o antigo galpão da estação tem aproximadamente 20.000 m², sendo como uma continuidade do projeto em questão.

ÁREA DE INTERVENÇÃO

TERRITÓRIO ABANDONADO NA ANTIGA ESTAÇÃO E O GALPÃO ANTIGO DE ATIVIDADES

PERÍMETRO DE TOMBAMENTO

ÁREA DE INTERVENÇÃO

009

0 200 400m



600

600

600

600

3

ÁREA DE INTERVENÇÃO

O local chama a atenção pela forma que aparece numa região central e histórica da cidade, por mais que tenha seu valor associado a história da antiga ferroviária.

Mesmo que ainda realizada as atividades de oficina pela empresa RUMO, o local permanece sem cuidados e abandonado em relação a cidade, assim como foi já introduzido no trabalho.

Assim, chama a atenção o contraste entre a antiga estação, tombada e atualmente usada como terminal de ônibus urbano, e outros locais que permanecem sem usos, abandonados após o declínio das linhas de trem na região.

E como já dito, além do edifício tombado, o local conta com outros galpões que hoje servem de usos esportivos e culturais pela própria comunidade, mesmo que não estejam sendo conservados pelo poder público.

Desse modo, além do contraste visual, existe o contraste em relação aos usos desse local pela comunidade, tornando ao mesmo tempo que um lugar de encontro, um local que não possibilita mais atividades diversificadas de lazer, qualidade de vida para o bairro e a valorização de áreas verdes e de convivência.





6



FONTE: CAMILA CRISTINA PICCOLI CAMPOY, 2020 e 2021



FONTE: CAMILA CRISTINA PICCOLI CAMPOY, 2020 e 2021

5



FONTE: CAMILA CRISTINA PICCOLI CAMPOY, 2020 e 2021



4



3



a presença dos vagões na paisagem



1



2



CARTOGRAFIA SENSÍVEL

FLUXO DE PEDESTRES

- GRANDE
- REGULAR

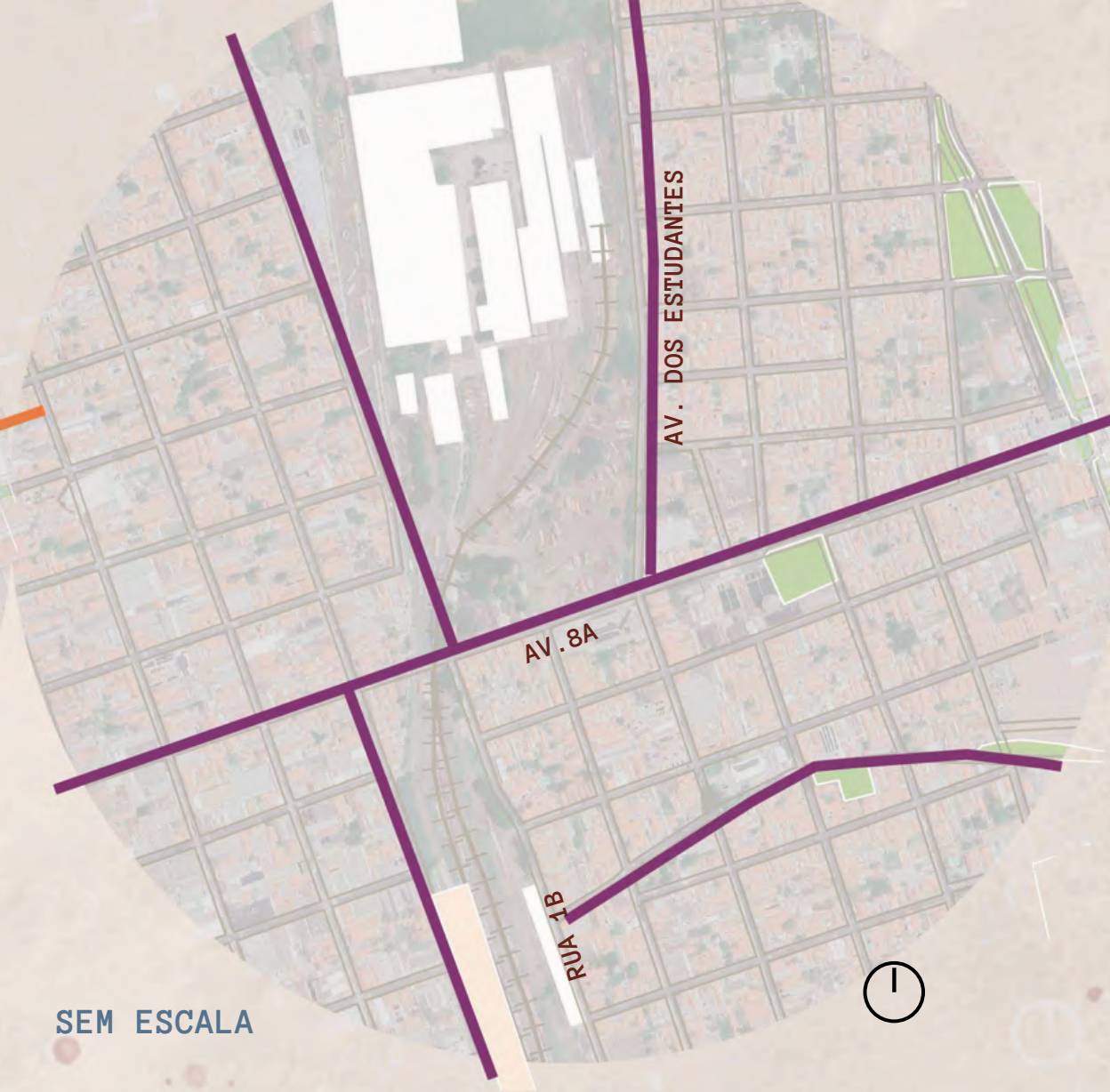
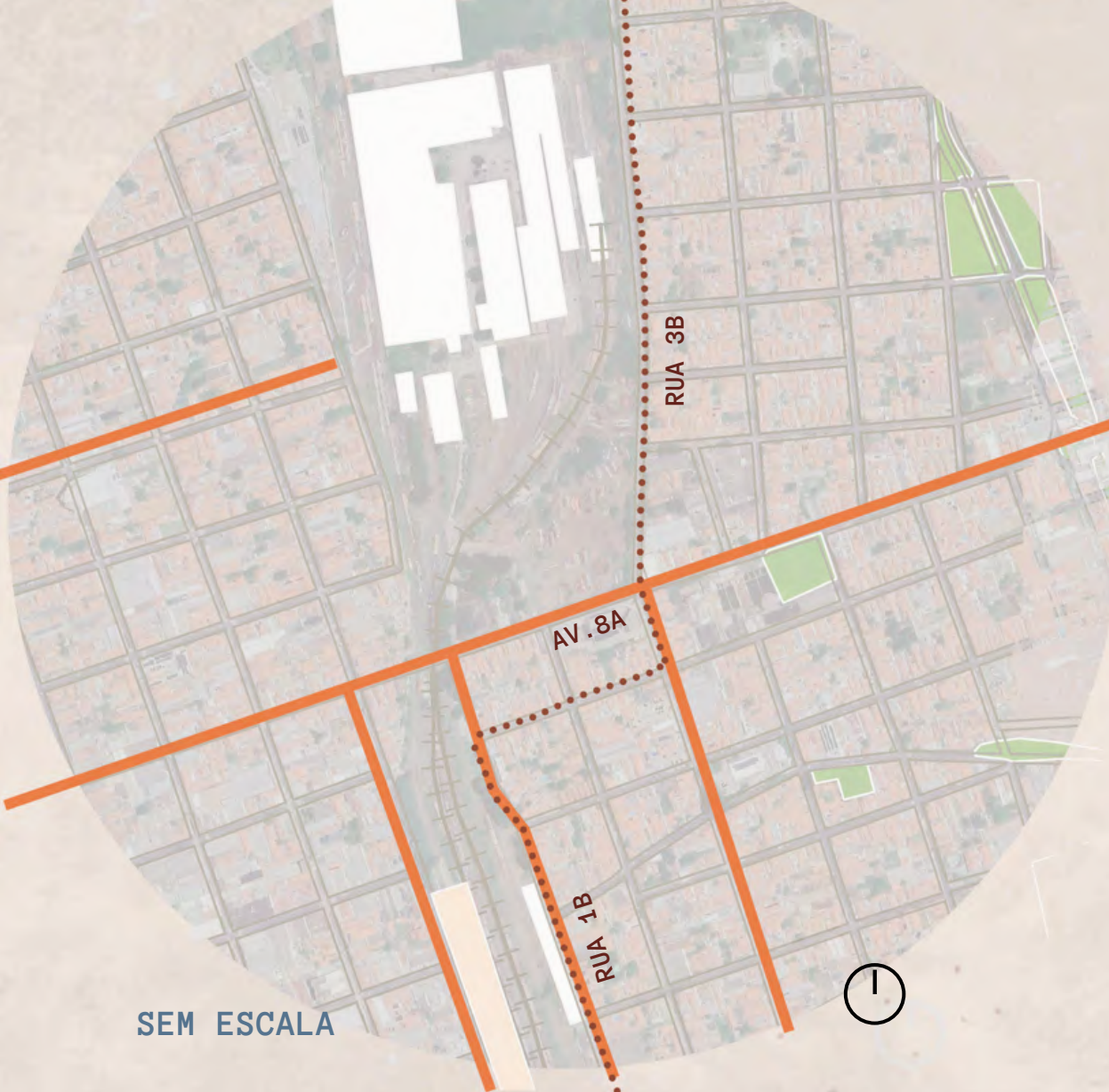
SEGURANÇA NA RUA

- INSEGURO
- REGULAR

Durante as visitas na área foi importante análises para além dos dados chamados popularmente de “dados frios”, mas sim curvar o olhar para percepções mais subjetivas e sensoriais do território.

Neste caso, a cartografia sensível estabeleceu categorias de análise para a área, enfatizando questões como segurança dos pedestres e qualidade do caminhar nas ruas.





SEM ESCALA

SEM ESCALA

SEM ESCALA

— VIAS COLETORAS
 CICLOFAIXA

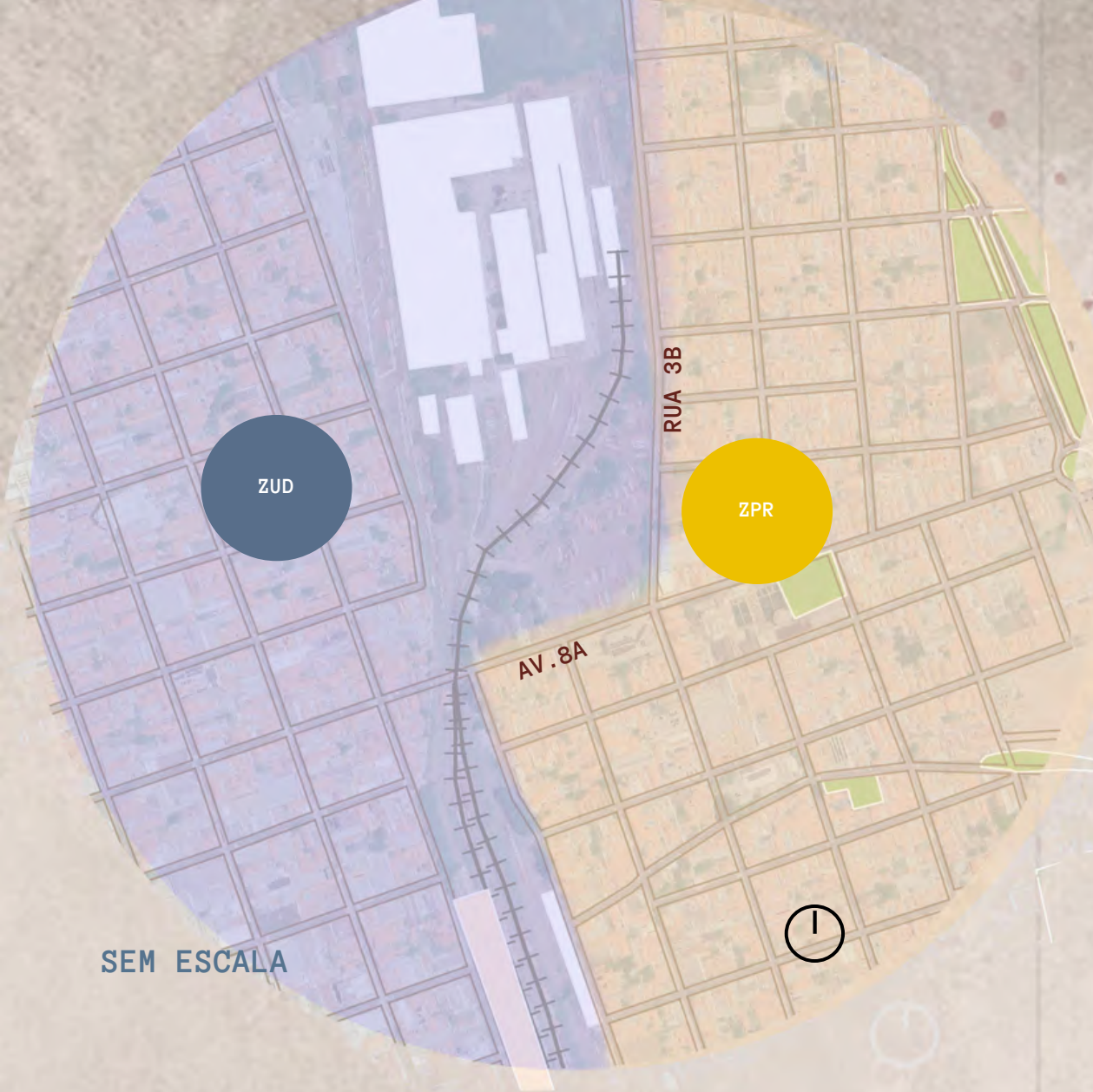
— CAD (CORREDORES DE
 USOS DIVERSIFICADOS)

— FLUXO DE AUTOMÓVEIS
 — FLUXO DE PEDESTRES

COMO IDENTIFICADO PELO PLANO DIRETOR DA CIDADE DE RIO CLARO, A ÁREA FICA ENTRE VIAS COLETORAS, CONTANDO COM UMA AVENIDA DE MÃO DUPLA E UMA RUA DE APENAS UMA MÃO. ALÉM DISSO, AS VIAS CONTAM COM CICLOFAIXAS, COMO DEMONSTRADO EM VERMELHO NO MAPA ACIMA.

NO PLANO DIRETOR DA CIDADE DE RIO CLARO, ALGUMAS AVENIDAS SÃO CARACTERIZADAS PELA “PERMISSÃO” EM RELAÇÃO A USOS DIVERSOS. PRÓXIMO DA ÁREA EM QUESTÃO, HÁ, POR EXEMPLO, A CAD DEFINIDA COMO AV. DOS ESTUDANTES E A CAD 8A DE MÃO DUPLA, QUE ULTRAPASSA A LINHA FÉRREA PRÓXIMO AO RECORTE DA ÁREA.

A SETA MAIOR INDICA O FLUXO INTENSO DE CARROS QUE OCORRE NA RUA 3B, COM SENTIDO AO CENTRO COMERCIAL E AO SHOPPING DA CIDADE. JÁ A SETA MENOR, IDENTIFICA A AV. 8A, IGUALMENTE COM SENTIDO AO CENTRO COMERCIAL DA CIDADE E DEMAIS BAIROS RESIDENCIAIS.

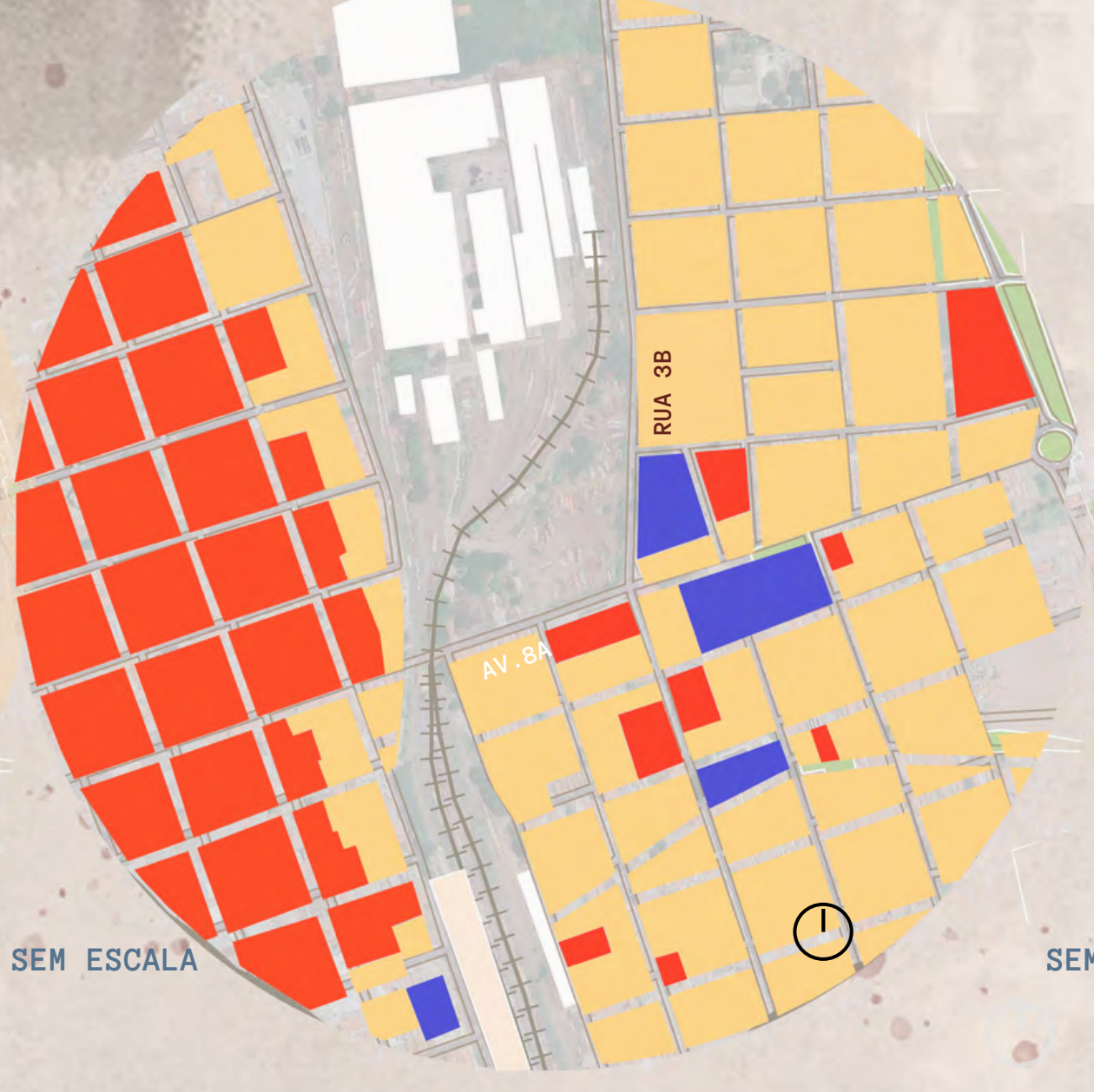


SEM ESCALA

ZPR – ZONA PREDOMINANTEMENTE RESIDENCIAL

ZUD – ZONA DE USO DIVERSIFICADO

COMO IDENTIFICADO PELO PLANO DIRETOR DA CIDADE DE RIO CLARO, A ÁREA DESCRITA FICA ENTRE DUAS ZONAS. ZPR DEFINIDA COMO ZONA RESIDENCIAL E UM DOS BAIRROS MAIS ANTIGOS DA CIDADE, E A ZONA ZUD, DESTINADA PARA USOS DIVERSOS E PARA A ÁREA CETRAL DA CIDADE.



SEM ESCALA

- USO RESIDENCIAL
- USO COMERCIAL
- USO INSTITUCIONAL

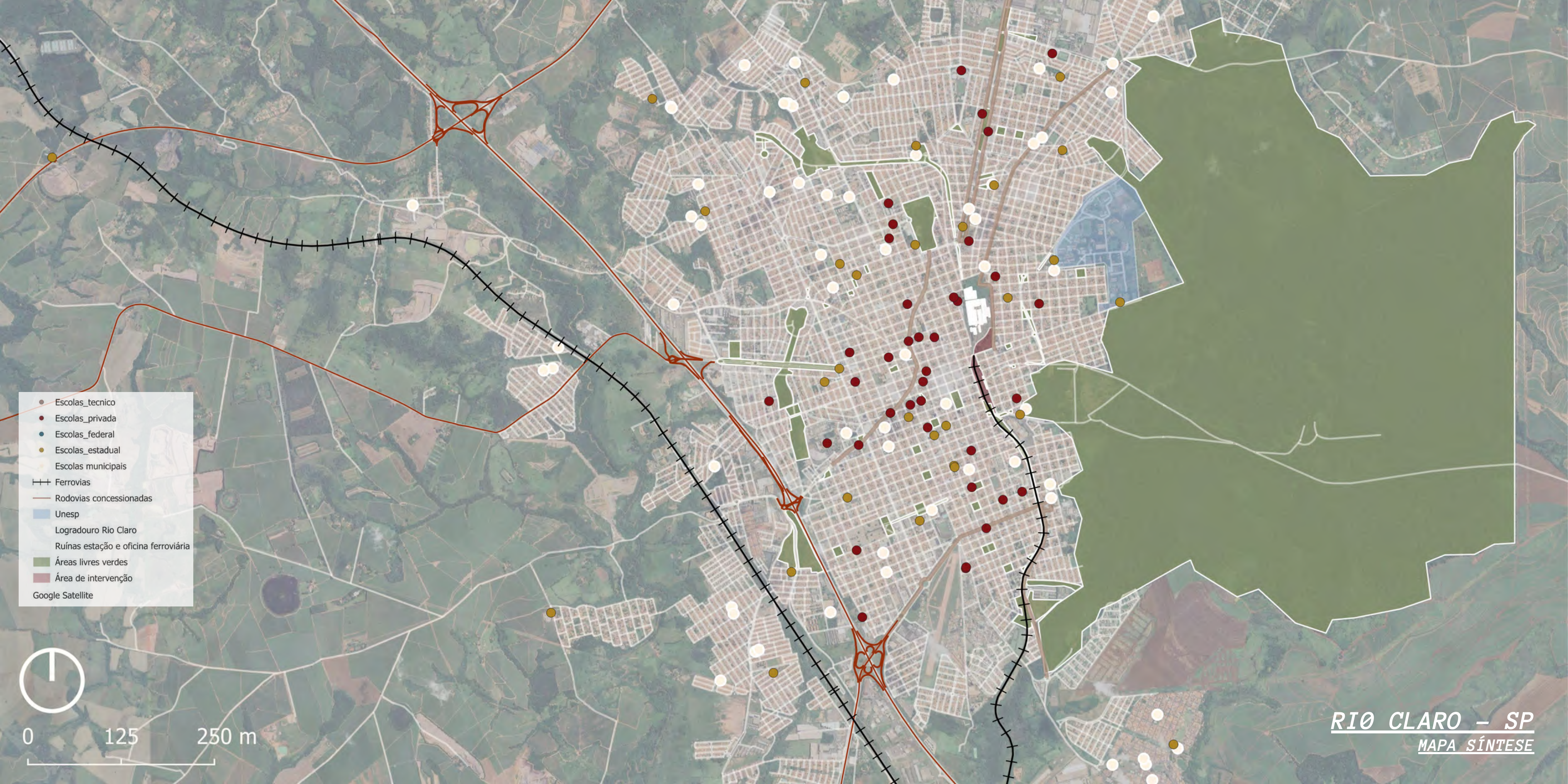
COMO IDENTIFICADO NA LEITURA DO TERRITÓRIO ACIMA, AS ÁREAS PRÓXIMAS AO RECORTE SÃO PREDOMINANTEMENTE RESIDENCIAIS, COM ÁREAS COMERCIAIS NA REGIÃO CHAMADA COMO CENTRO COMERCIAL DA CIDADE, AO LADO OESTE NO MAPA.



SEM ESCALA

- PERÍMETRO CENTRAL DE TOMBAMENTO
- VEGETAÇÃO EXISTENTE

ALÉM DA LEITURA DAS ÁREAS VERDES EM GERAL, O MAPA ACIMA IDENTIFICA A ÁREA DE VEGETAÇÃO PREEXISTENTE E O PERÍMETRO CENTRAL DE TOMBAMENTO, NA QUAL A ÁREA DE PROJETO FICA PRÓXIMA.



- Escolas_tecnico
- Escolas_privada
- Escolas_federal
- Escolas_estadual
- Escolas_municipais
- ⚡ Ferrovias
- Rodovias_concessionadas
- Unesp
- Logradouro_Rio_Claro
- Ruínas_estação_e_oficina_ferrovária
- Áreas_livres_verdes
- Área_de_intervenção
- Google_Satellite



RIO CLARO – SP
MAPA SÍNTESE



Atualmente, a atividade mais antiga e conhecida realizada nos arredores da antiga estação ferroviária é o MM Boxe / Rio Claro – SP . A comunidade trabalha com o Boxe Olímpico desde 2003 sob o comando da família Macedo, já adquirindo durante seus trabalhos resultados positivos a nível regional, estadual, nacional e internacional.

O grupo conta com um grande acervo registrado em seu site público, com registros de fotos e citações datadas desde o início de suas atividades, com retrospectivas e comentários.

MACEDO, Breno. Quem somos nós. MM Boxe – Rio Claro, 2024.
Disponível em: <https://mmboxe.blogspot.com/> Acesso em: 24.10.2024

Em uma das suas redes sociais (MM – Boxe Rio Claro) há também informações sobre outros tipos de atividades que são realizadas no espaço, como: eventos culturais/musicais, apresentação de dança e tecido, além de feiras artesanais, festas juninas, entre outros.

Vale ressaltar que em outros locais do galpão também são realizadas outros tipos de atividades, como ações beneficentes e o ensaio da orquestra da cidade.

o território da antiga estação

Facebook. MM Boxe – Rio Claro, 2024.
Disponível em: <https://www.facebook.com/mmboxe> Acesso em: 24.10.2024

★ MM BOXE ★

ESPORTE • ARTE • CULTURA • AGREGAÇÃO

MM
BOXE

MM
BOXE



FOTOGRAFIA AUTORIA PRÓPRIA, 2025

4 REFERÊNCIAS PROJETUAIS



BRASIL ARQUITETURA TEATRO DE ENGENHO

Em 2002 o escritório Brasil Arquitetura elaborou, junto a um grupo de colaboradores de Piracicaba, um plano diretor para toda a área do Engenho Central na cidade de Piracicaba – SP.

“um antigo local de trabalho árduo e duro, de sofrimento de muitos, um testemunho do trabalho humano, foi transformado em fábrica de diversão, criação, celebração e convivência, sem apagar sua vida pregressa”.

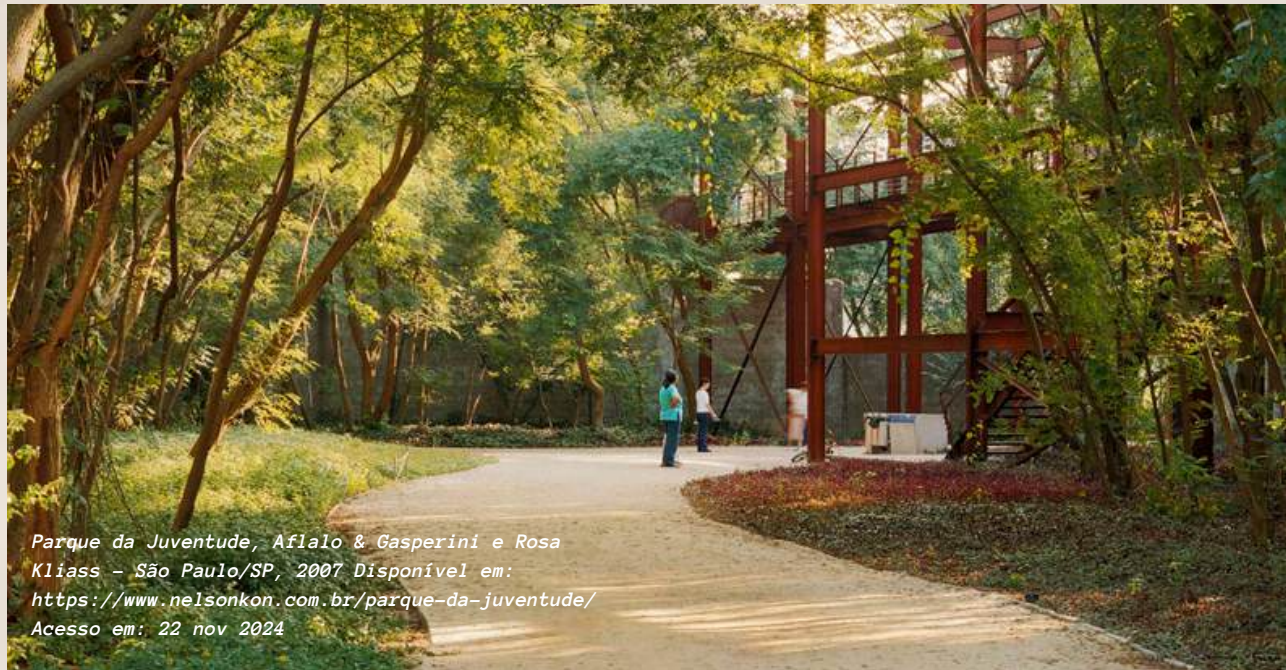
CASA EM ORLÂNDIA ÂNGELO BUCCI / SP, 2007

Um telhado de aço leve e seu teto de MDF foram pendurados na estrutura. Uma pérgola de madeira associada a um toldo vertical sombra as fachadas leste e oeste; além de uma veneziana de madeira filtra a luz nas fachadas norte e sul. (SPBR arquitetos)

CASA VENTANA Bloco B arquitetura + Arquitetura Bossa

O projeto do espaço cultural Casa Ventana foi desenvolvido para substituir a garagem da residência de artistas por uma escola de corporalidades e um espaço de apresentações.

Interessa neste caso, compreender em como a necessidade de um espaço amplo para as atividades corporais permite diferentes formas de ocupá-lo e em como isso pode ser relacionado com o uso de diferentes materiais e estratégias construtivas.



Parque da Juventude, Aflalo & Gasperini e Rosa Kliass – São Paulo/SP, 2007 Disponível em: <https://www.nelsonkon.com.br/parque-da-juventude/> Acesso em: 22 nov 2024

O Parque da Juventude é o resultado de um concurso público de projetos para transformação do Complexo do Carandiru em São Paulo capital – maior complexo penitenciário da América Latina. O projeto percorre como um “ressignificado espacial”, trabalhando os elementos do passado e sua árdua memória com novos significados no presente.

Os antigos muros e passarela de vigia, que obstruíam a paisagem, foram mantidos como marca histórica. Contudo, assim como em muitos de seus projetos, a arquiteta paisagista trouxe novo simbolismo, transformando o antigo observatório em área caminhável

Matheus Pereira. "Parque da Juventude: Paisagismo como ressignificador espacial" 04 Out 2017. ArchDaily Brasil. Acessado 25 Nov 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/880975/parque-da-juventude-paisagismo-como-ressignificador-espacial>> ISSN 0719-8906

PARQUE DA JUVENTUDE **AFLALO & GASPÉRINI E ROSA KLIASS**

O projeto é localizado no bairro de Realengo, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. O terreno de atuação vinha sendo reivindicado por movimentos sociais há mais de 20 anos que pediam que os 160.000 m² da antiga fábrica de cartuchos do Exército fossem transformados em um parque público. Graças a abertura desse território e a possibilidade da criação de um projeto, o espaço pode ser ocupado pela população.

Nosso propósito para o Parque foi criar, através de Soluções baseadas na Natureza, um ambiente que priorize e aproxime o usuário do meio ambiente, mesmo em um contexto urbano, proporcionando opções de lazer, espaços de encontro e trocas de saberes aos seus visitantes e moradores dos arredores.

PARQUE REALENGO SUSANA NASPOLINI **ECOMIMESIS SOLUÇÕES ECOLÓGICAS**



"Parque Realengo Susana Napolini / Ecomimesis Soluções Ecológicas" 22 Jul 2024. ArchDaily Brasil. Acessado 26 Nov 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/1019057/parque-realengo-susana-napolini-ecomimesis-solucoes-ecologicas>> ISSN 0719-8906

O projeto se materializou por meio da caracterização e da leitura das atividades que se realizavam no território em questão, além da compreensão da noção mais ampla de cultura, assumindo como patrimônio/ lugares de memória não apenas o edifício consolidado ou o imóvel tombado da estação ferroviária. Para a proposição do complexo cultural foi necessário compreender as preexistências para além dos seu sentido físico e formal, mas sim, como também, sua presença imaterial, tradições, as práticas e as ações que a comunidade ali realizaram ou pretendem realizar.



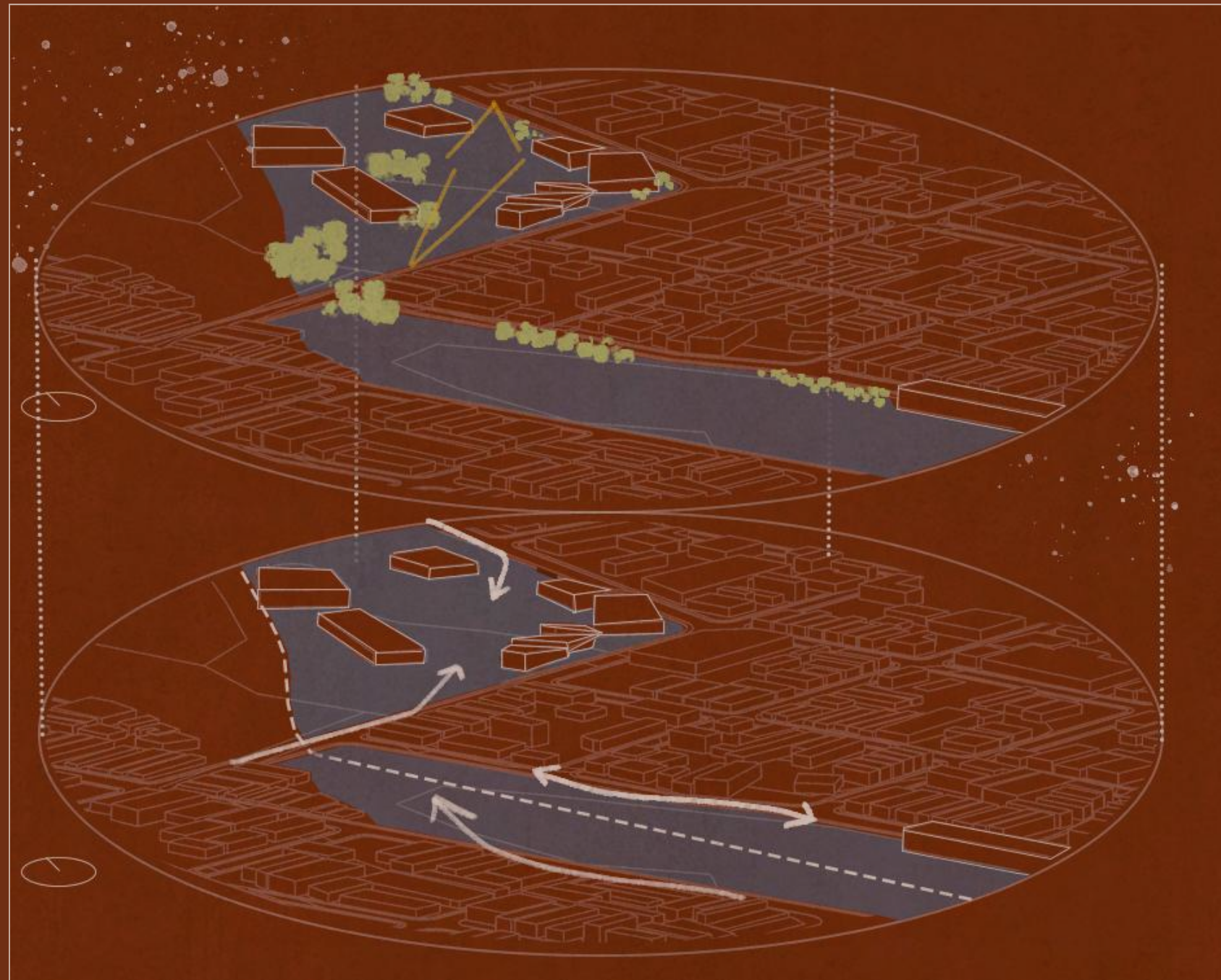
PRIMEIRO ESTUDO VOLUMÉTRICO – TGI I

Durante o processo de leitura do território, já com o olhar propositivo, foi interessante analisar e compreender o entorno para compreender como e de que maneira o objeto projetual poderia se comportar perante a cidade e em relação as atividades que já são realizadas no espaço.

A inquietação para começar a pensar a implantação surge da relação do território com o antigo galpão, com os modos de transporte existentes ao redor e a relação entre o indivíduo e a paisagem / indivíduo e o patrimônio / lugares de memória.

Assim, pode-se dizer que, a ideia parte de trazer a imaterialidade como materialidade na paisagem. Explorando temáticas em algumas áreas da implantação que possam traçar uma relação com os usos dos próprios edifícios. Como, por exemplo, o edifício destinado a danças e ao movimento adquirem elementos que possam ter relação com o corpo, a paisagem/paisagismo se torna uma estratégia para traçar essa relação, como numa escala fenomenológica da arquitetura. Associado a isso a uma relação com intervenções artísticas em lugares de memória, a escritora Fabiola Zonno comenta:

Se tomarmos a dimensão fenomenológica como possibilidade de interpretação do patrimônio, em sua dimensão material, podemos reconhecer como o novo pode suscitar em sua relação com o antigo a valorização artística (...) de características morfológicas, de materialidade e especialmente mobilizando sua apreensão pelo “corpo”, incluindo todos os sentidos. (ZONNO, 2016, pág. 40 e 41)



- área de atuação
- principais fluxos propostos
- vegetação existentes
- campo de visão

Durante o processo, principalmente no TGI I, para a construção do estudo em relação a implantação e da sua estruturação foi levado em consideração três principais elementos. Sendo eles:

Os **FLUXOS** já existentes, incluindo pedestres, automóveis e a existência da ciclofaixa.

As **PREEXISTÊNCIAS** como os muros, as barreiras naturais, como a linha férrea e as vegetações existentes.

O **CAMPO DE VISÃO** destinado ao centro do projeto, e assim, o pátio central, que só foi possível pela abertura no muro existente e pela ausência de outras barreiras visuais.

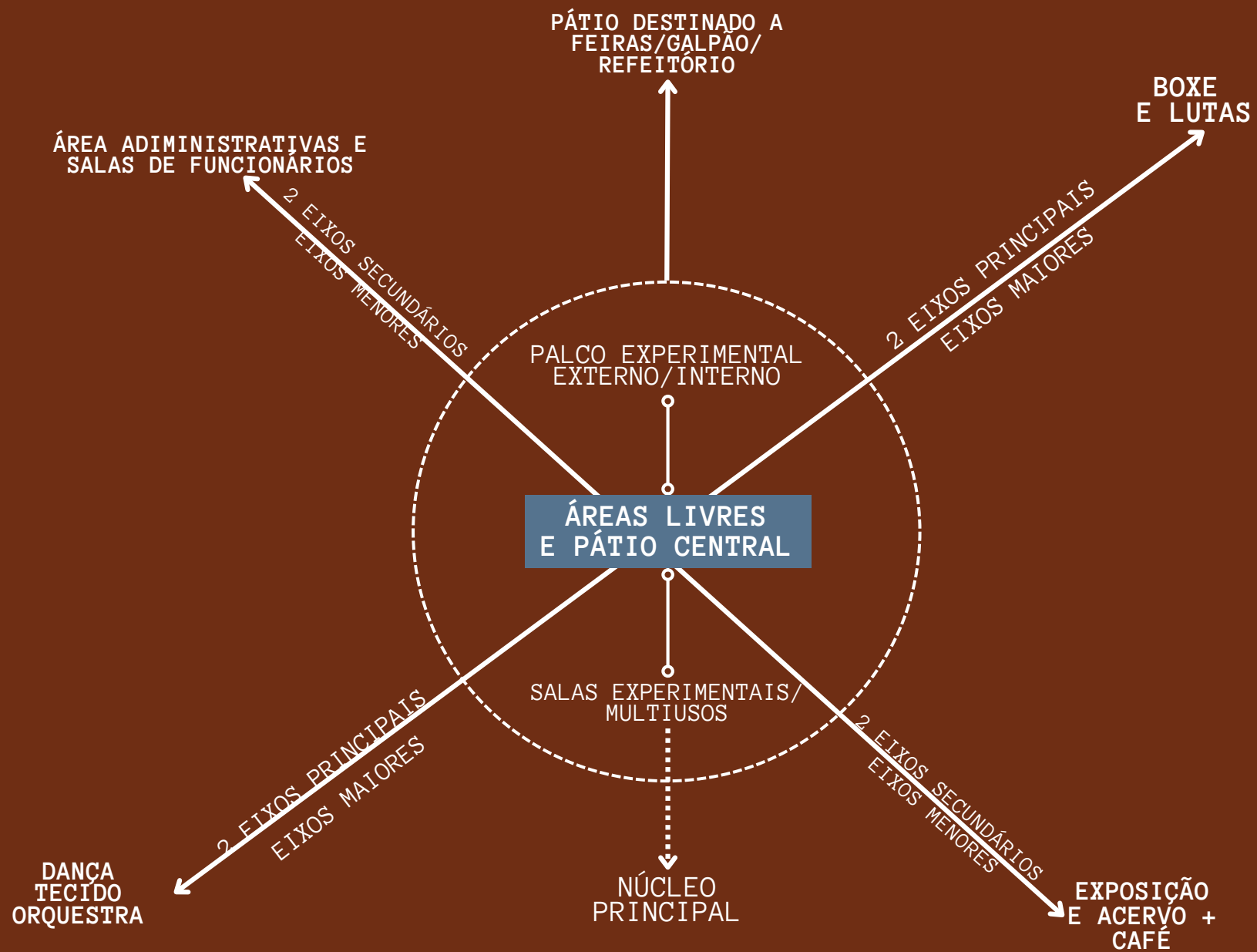
ELEMENTOS DO PASSADO COM NOVA INTERPRETAÇÃO NO PRESENTE

Assim como discutido pela autora Fabiola Zonno, o desafio de relacionar o passado com uma nova intervenção faz o arquiteto, por meio de ações projetuais, escolher entre a valorização e a exposição de determinados aspectos para os quais reconhece valor. (ZONNO, 2016, pag. 38)

Frente a esse dialogo, o projeto escolhe como estes elementos podem estar presentes e em como eles podem se relacionar com a paisagem, com os novos edifícios e as novas relações que podem ser estabelecidas por meio da intervenção.

Recuperando a discussão inicial realizada pelo Bernard Tshumi, pode-se dizer que o presente trabalho pretende relacionar por meio de uma nova arquitetura/intervenção no espaço a reciprocidade em relação aos usos realizados ali e em relação ao local onde são praticados, sendo este, os antigos galpões da estação ferroviária. De forma que, o projeto possa criar uma relação entre o novo desenho e as antigas edificações presentes ali, como uma “conversa pacífica”.

Já em relação a algumas preexistências, como, por exemplo as partes dos muros que serão preservados, pode-se dizer que o projeto busca uma relação de conflito e contraste, já que opõem lado a lado uma nova edificação e as ruínas dos muros que envolvem o território.



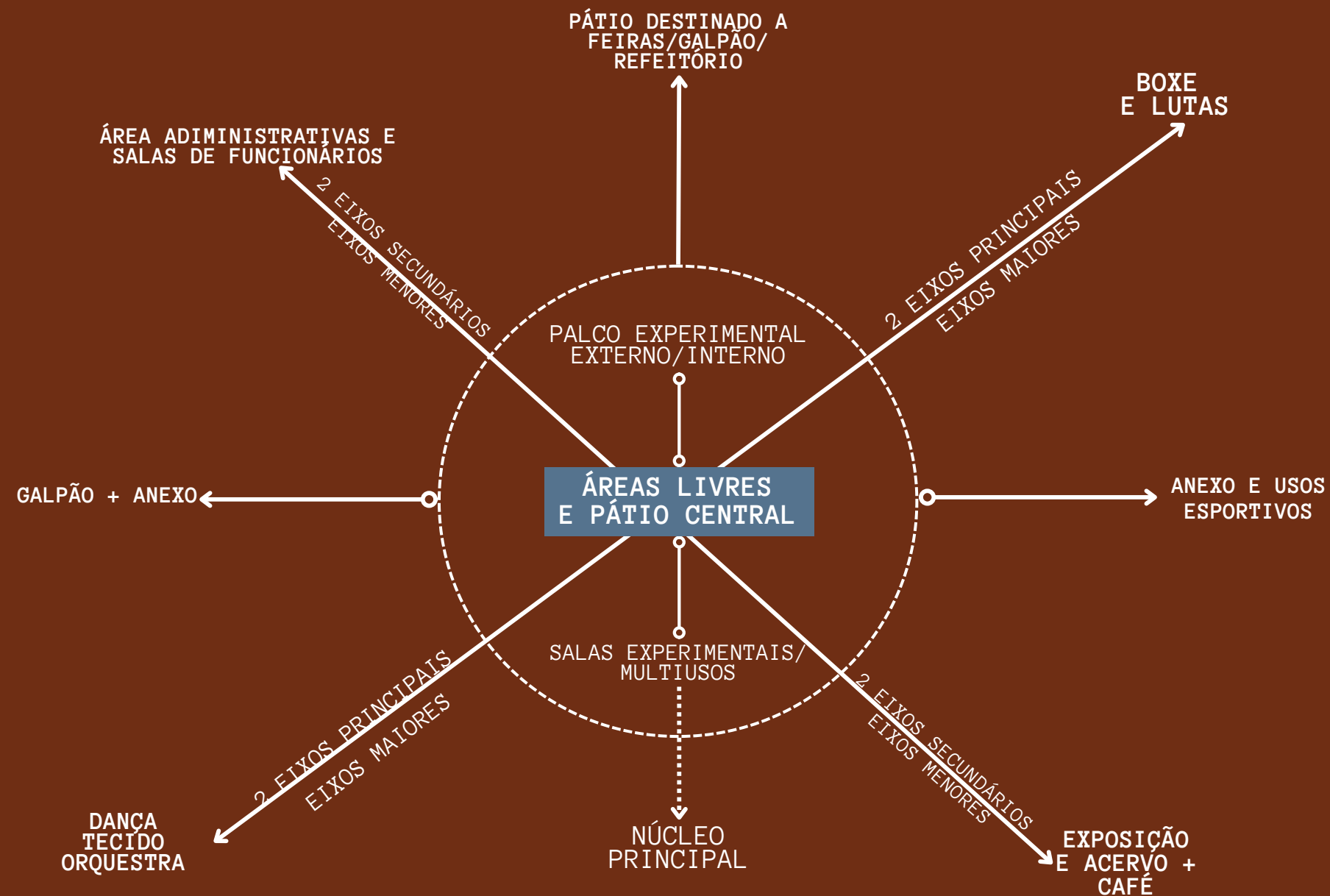
programa projetual

Para traçar o programa do projeto inicialmente foi importante compreender quais elementos eram essenciais em questão hierárquica, de forma a reconhecer suas determinadas potencialidades em relação a sua implantação.

Em relação às potencialidades do campo de visão, traçadas para a região central, admitiu-se o pátio central como o núcleo principal do programa, considerando também seus elementos adjacentes, como o palco experimental e as salas experimentais/multiusos com relação direta ao pátio.

As demais relações, foram divididas em dois principais grupos, sendo eles 2 eixos principais (eixos maiores) e 2 eixos secundários (eixos menores). No projeto, como em sua implantação, estes eixos desenvolvem relações diretas entre si, como a existência de dependências ou fluxos.





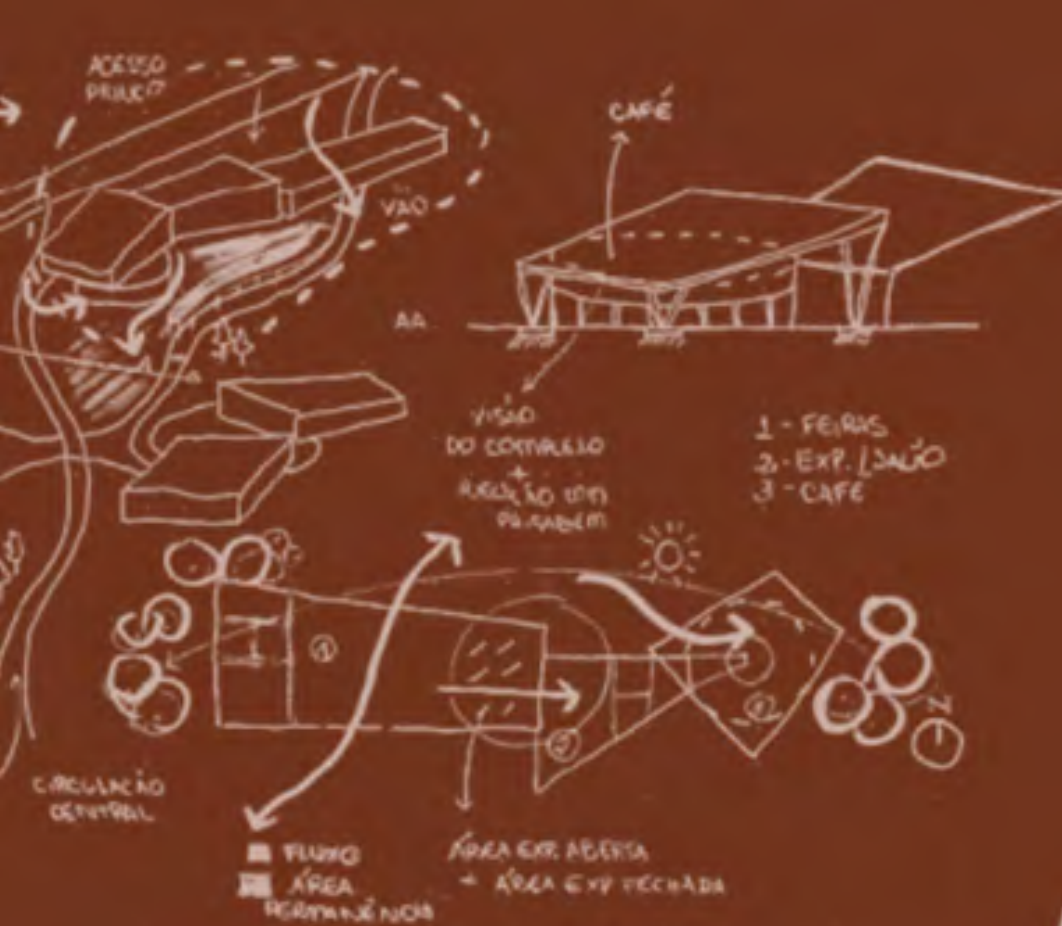
NOVO ESTUDO DO DIAGRAMA PROJETUAL PROPOSTO INICIALMENTE:

Com ampliação da área e maior integração das atividades atuais do galpão, o novo estudo reflete sobre as áreas livres para além do pátio cultural, indo de encontro com o antigo galpão, produto da leitura do programa.

O novo trajeto parte do diagrama antigo, mantendo as inter-relações estabelecidas anteriormente entre o pátio central e as áreas livres.

Neste caso, o produto do projeto também se atenta a experiência do pedestre em relação ao seu caminhar até as atividades do antigo galpão, além de manter grande parte destas atividades no mesmo local.

O anexo ao galpão surge como a possibilidade de potencializar este espaço, garantindo que as atividades que já aconteciam no local possam ser realizadas de melhor forma. Além da construção do novo anexo no galpão, propõe-se a reabilitação e o uso adaptativo no galpão antigo. O objetivo é garantir a manutenção e a melhoria das condições estruturais e funcionais do edifício, assegurando a segurança dos usuários. Para os usos originais do galpão, reconhecendo sua importância prática, e ao mesmo tempo incorporar novos usos.

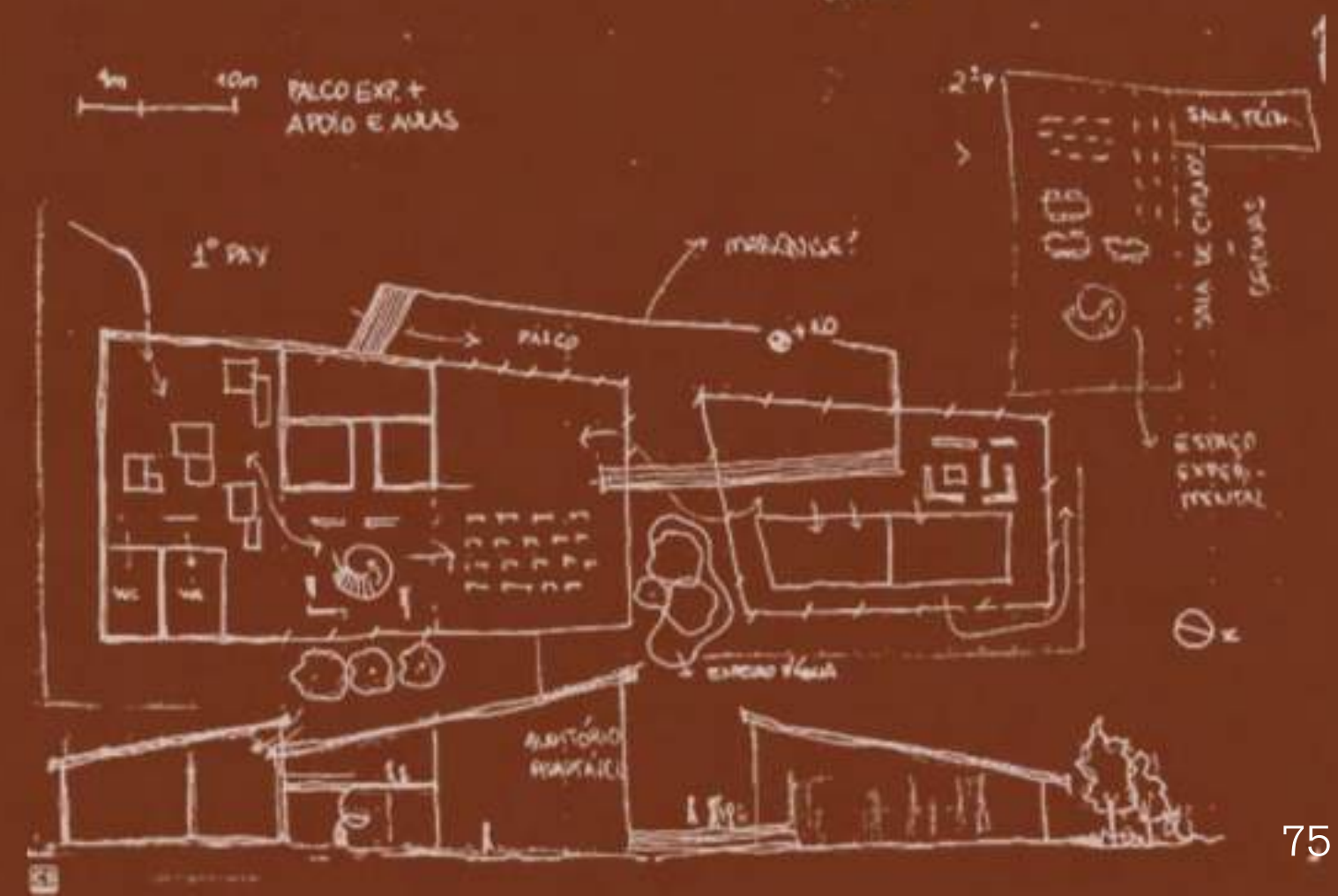
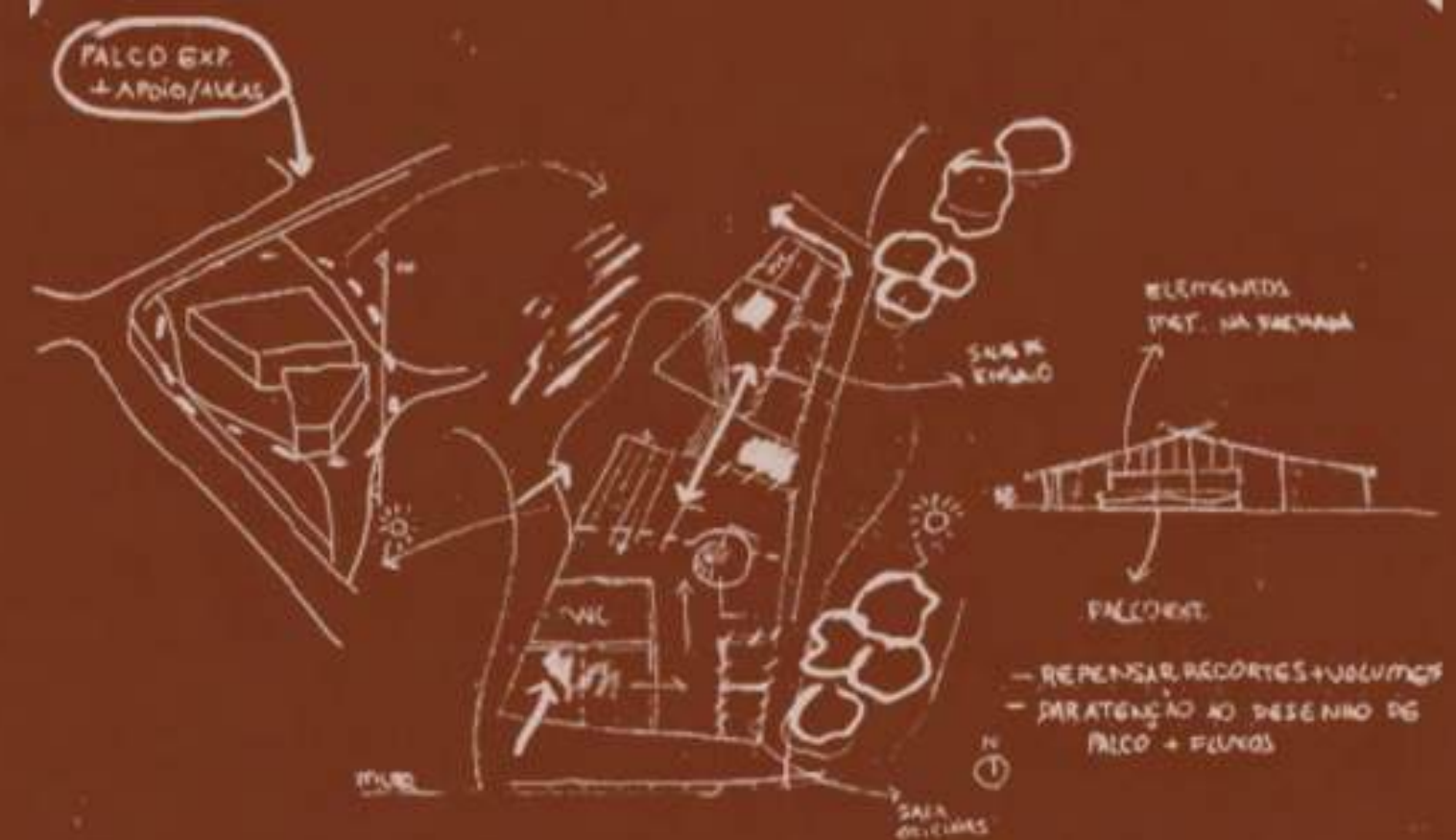


NOVOS RUMOS / NOVAS PERCEPÇÕES POR MEIO DO CROQUI

No desenvolvimento do TGI I para o TGI II foi importante compreender em como o desenho de implantação poderia ser revisto e de que maneira ele melhor se apresentaria neste território. Conforme as análises e as considerações do TGI I, foi possível não só avançar na escala da implantação do Complexo Cultural, mas sim, incluir de maneira mais cuidadosa a escala do pedestre no projeto.

Inclinar o olhar para o projeto da planta dos edifícios, apesar de tornar o processo mais longo, possibilitou que os usos e as apropriações no espaço fossem lidas de uma forma mais sensível, pensando de que forma a comunidade poderia compartilhar o espaço interno, bem como o externo, garantindo uma grande relação entre eles.

Durante os desenhos, olhar de que forma a paisagem poderia ser incorporada junto aos volumes do programa facilitou compreender o desenho da implantação, quais usos e apropriações poderiam surgir no percurso, ou até talvez, imaginar como se tornaria este espaço em relação aos demais usos da cidade.



6

O PROJETO:
COMPLEXO CULTURAL NA CIDADE
DE RIO CLARO – SP

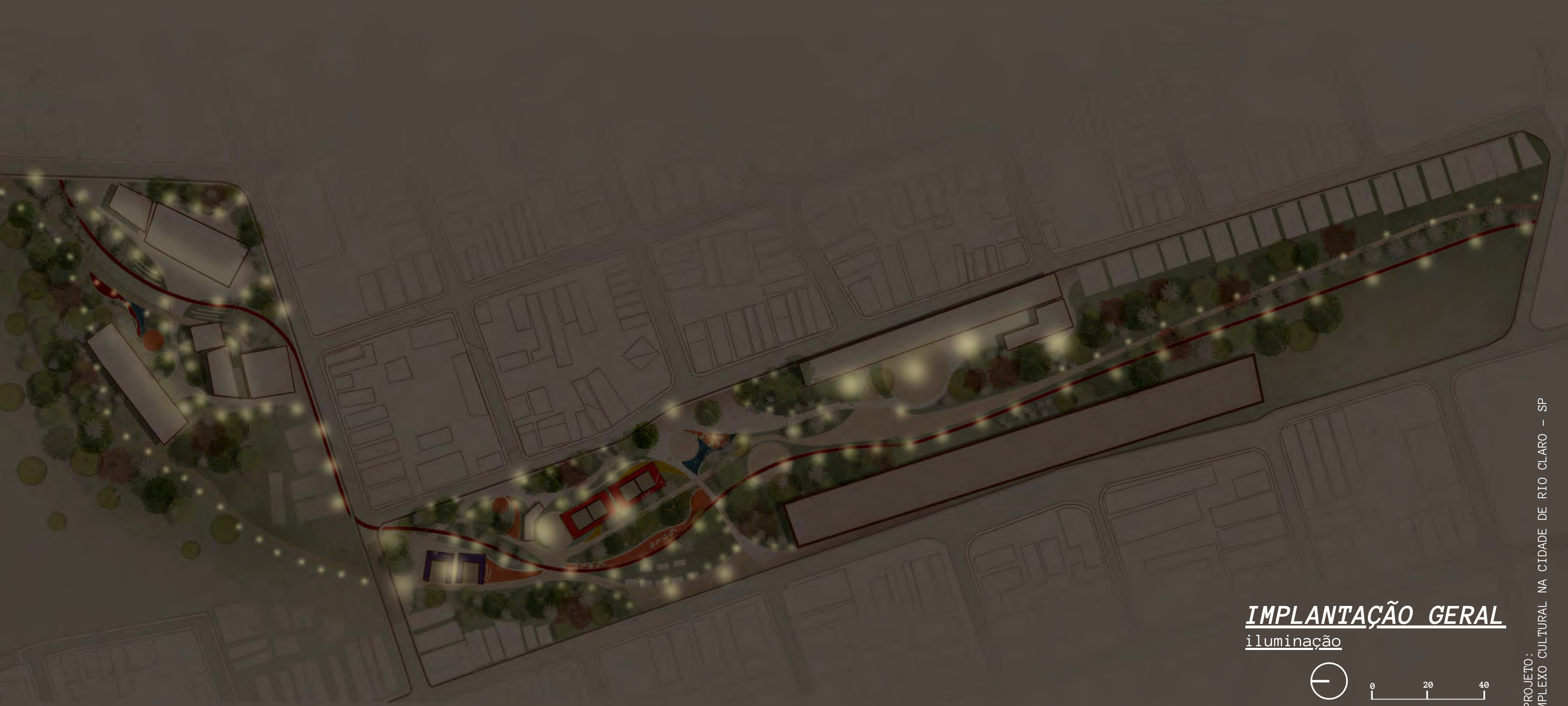






IMPLANTAÇÃO GERAL





IMPLANTAÇÃO GERAL
iluminação



COMPLEXO CULTURAL

O projeto é proposto, além do seu complexo cultural, como um sistema que tem o objetivo de percorrer o trajeto do território abandonado da oficina ferroviária até o antigo galpão onde ocorrem as atividades culturais estabelecidas pela comunidade rio clarense, dando novos usos a este local.

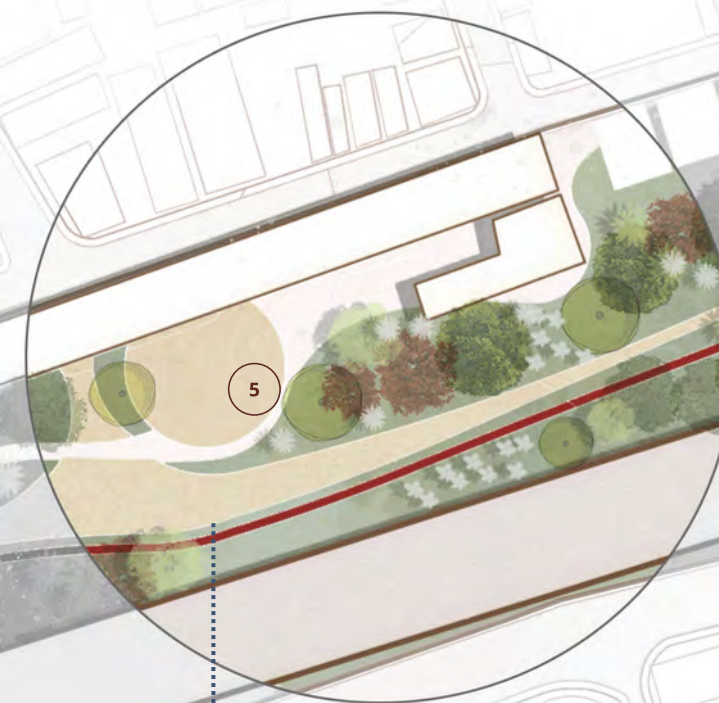
Nesta extensão, o projeto busca se relacionar com os fluxos existentes, além de garantir outros trajetos, como o exemplo da ciclovia. O objetivo é criar um complexo cultural que possa ser aberto e convidativo para a cidade, como um grande “quintal”, aproveitando as qualidades e os benefícios da localização do território e as diferentes atividades que são realizadas na região além daquelas que podem ser estabelecidas.



ÁREA 1. PÁTIO CULTURAL



ÁREA 2 - ESPORTIVA



ÁREA 3 - ANTIGO GALPÃO + ANEXO

TERMINAL DE ÔNIBUS URBANO



- 1 ÁREA RECREATIVA
- 2 ARENA CIRCULAR
- 3 LOMBOFAIXA
- 4 ÁREA MOLHADA
- 5 PÁTIO ABERTO GALPÃO + ANEXO
- 6 FEIRAS + ACESSO TERMINAL DE ÔNIBUS

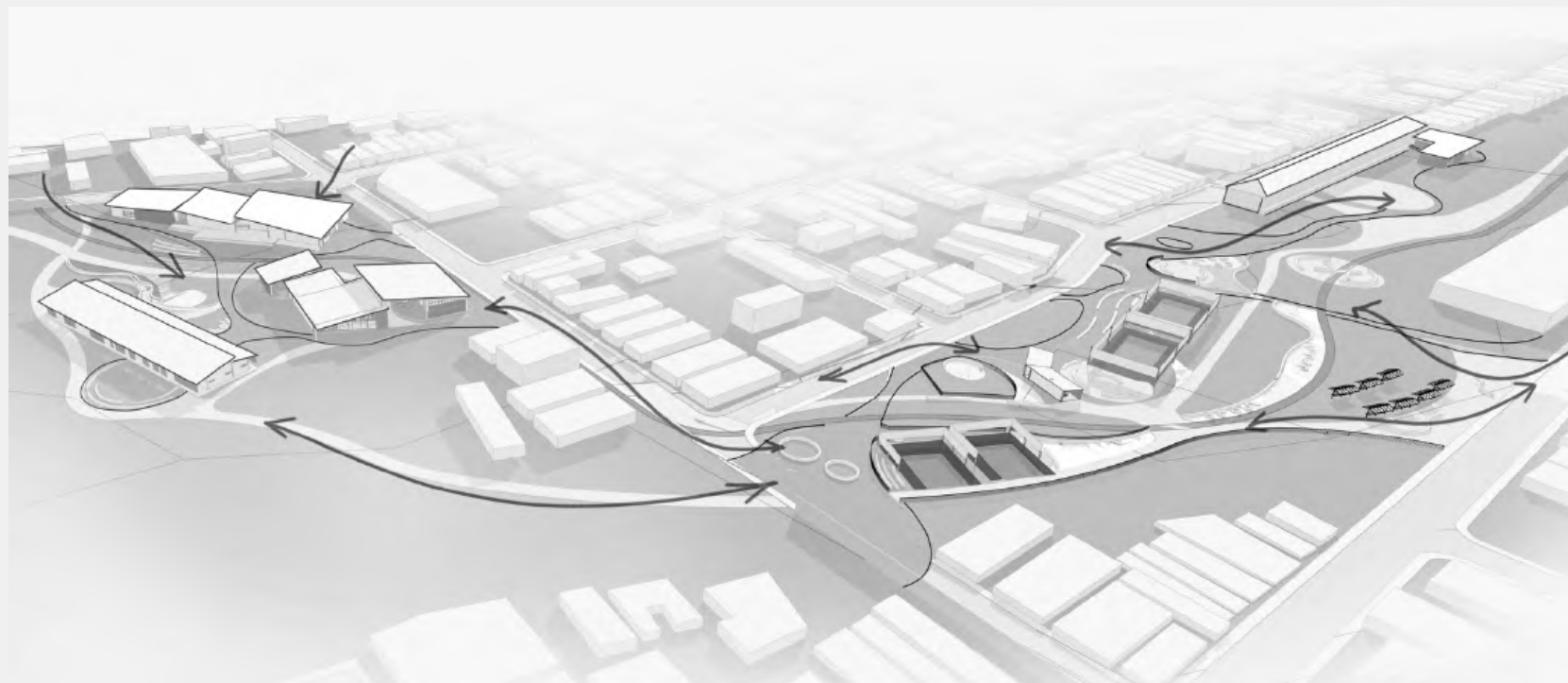


DIAGRAMA DE VOLUMES ORGANIZAÇÃO E FLUXOS

O diagrama representa a organização espacial dos volumes do projeto, distribuídos em quadras distintas, mas interligados por uma mesma relação entre pisos, fluxos e paisagem. A proposta busca garantir continuidade visual, acessos integrados e fluxos coerentes entre os volumes. O fluxo de pedestre que vêm principalmente da área do terminal de ônibus urbano é bifurcado, sendo possível acessar as áreas/ usos do complexo, ou apenas atravessa-lo de forma mais confortável e agradável.

Além disso, o projeto estabelece conexões diretas com a área esportiva, visto que essa constrói grande parte do percurso até o galpão, incentivando o uso público e a integração entre cultura, lazer e atividade física. A proximidade com o terminal de ônibus urbano é explorada como ponto de articulação, facilitando o acesso ao complexo e ampliando seu alcance dentro da dinâmica urbana da cidade.

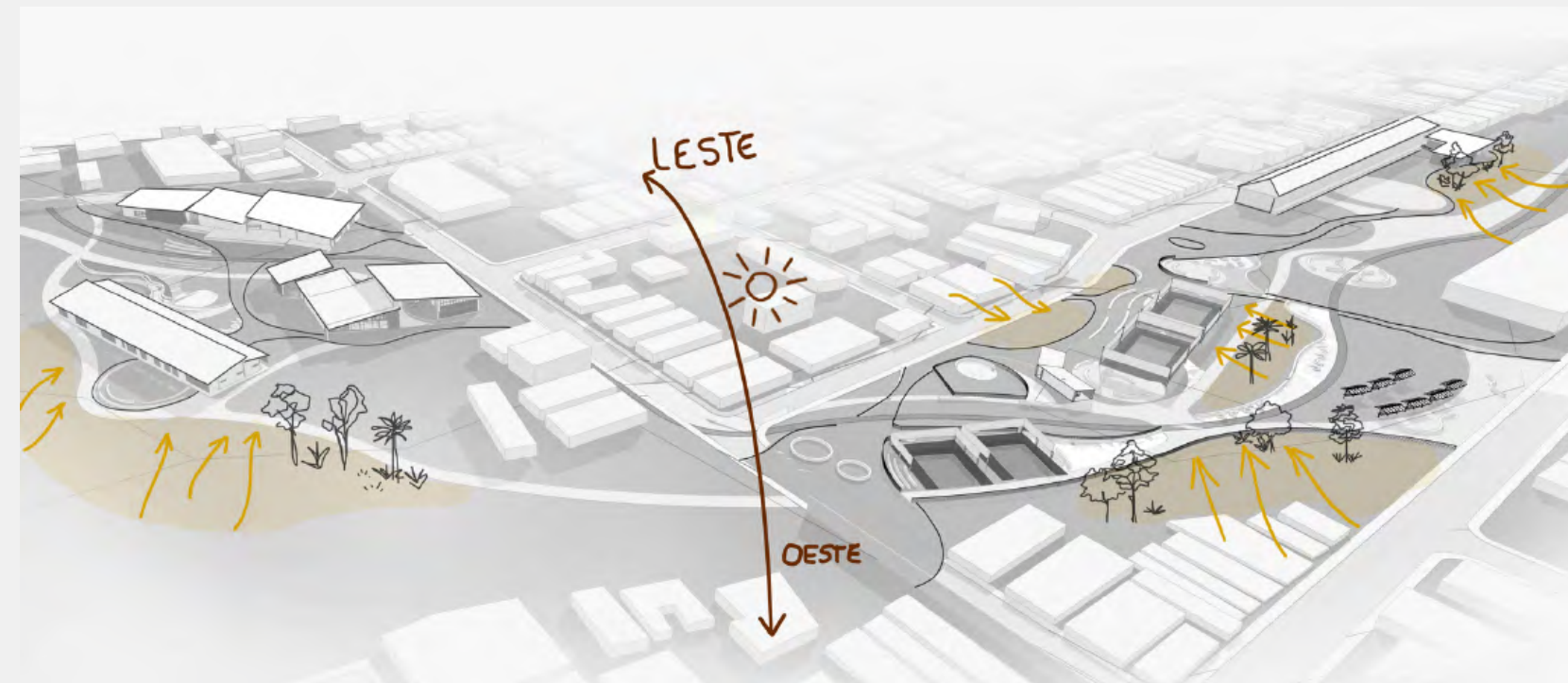


DIAGRAMA DE VOLUMES INSOLAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE CONFORTO TÉRMICO

O diagrama de insolação analisa a incidência solar ao longo do dia, a partir da identificação das áreas mais expostas ao sol – especialmente as fachadas voltadas para o oeste – foram adotadas soluções passivas para o conforto térmico, com destaque para o uso de cobertura vegetal.

Essas áreas receberam vegetação densa e sombreamento natural, minimizando o aquecimento excessivo e criando zonas de transição térmica mais agradáveis. O diagrama evidencia essas intervenções, indicando os pontos críticos de incidência solar e a resposta projetual adotada para cada um deles. Essa leitura solar influenciou diretamente na orientação dos volumes e no posicionamento das aberturas, promovendo um equilíbrio entre iluminação natural e conforto ambiental.



ISOMÉTRICA
sem escala

CICLOVIA – CONCRETO E PINTURA VERMELHA

Esse percurso segue por todo o projeto e altera o caminho comum proposto pela ciclofaixa próximo a rua. Seu desenho segue em todos os usos e fluxos da área de intervenção, sendo um elemento de grande importância para a construção dos demais percursos.

1

FULGET – PISO DRENANTE

Este é um piso comumente usado em áreas externas de circulação e lazer. É composto por uma mistura de pedras naturais trituradas, como granito, mármore ou quartzo, e cimento. Além da sua característica drenante, ele também é muito resistente e antiderrapante.

2

TRILHAS NATURAIS – AREIA COMPACTA

Esse tipo de material surge em percursos mais estreitos de caminhada. Ele pode ser ideal por conta da superfície mais estável e menos irregular do que a areia solta

PISO DE CONCRETO DRENANTE

O pavimento permeável de concreto drenante possibilita uma relação com a materialidade no percurso, além de garantir controle do escoamento superficial e a mitigação de ilhas de calor junto a vegetação.

3

ÁREA 1. PÁTIO CULTURAL

A área dos novos edifícios culturais busca preencher o espaço que por anos foi desocupado e abandonado pelas atividades ferroviárias. Enquanto antes era um espaço fechado e murado para cidade, agora o local se torna um fluxo intenso de novos usos e de novos percursos. Os volumes foram incorporados a paisagem, de forma que fosse importante a distância e o caminhar entre eles, o contato com a paisagem e a vegetação.

- EDIFÍCIOS NA ÁREA:
- 1. TEATRO EXPERIMENTAL
- 2. LUTAS E DANÇA
- 3. EXPOSIÇÕES, ADM E CAFÉ

RELAÇÕES ENTRE VOLUMES

O projeto que se estabelece no Pátio Cultural busca, além, principalmente, da abertura deste local para a cidade e seus fluxos, a integração entre os edifícios de diferentes programas, complementar e estabelecer vínculos visíveis da paisagem entre seus caminhos.

As plantas internas dos volumes se consolidam por meio da relação com o meio externo, cada um em sua maneira particular. Destacando como exemplo o caso do Teatro Experimental, sua abertura do teatro para o centro do projeto possibilita a inter-relação entre as atividades internas do edifício, atividades do palco externo e atividades que já são estabelecidas no próprio espaço central do Pátio Cultural.

Em outros casos, as plantas internas dos demais edifícios buscam a criação de outros circuitos ao redor, para além do uso apenas interno da edificação, como exemplo do volume de Lutas e dança.



ISOMÉTRICA PÁTIO CULTURAL
sem escala



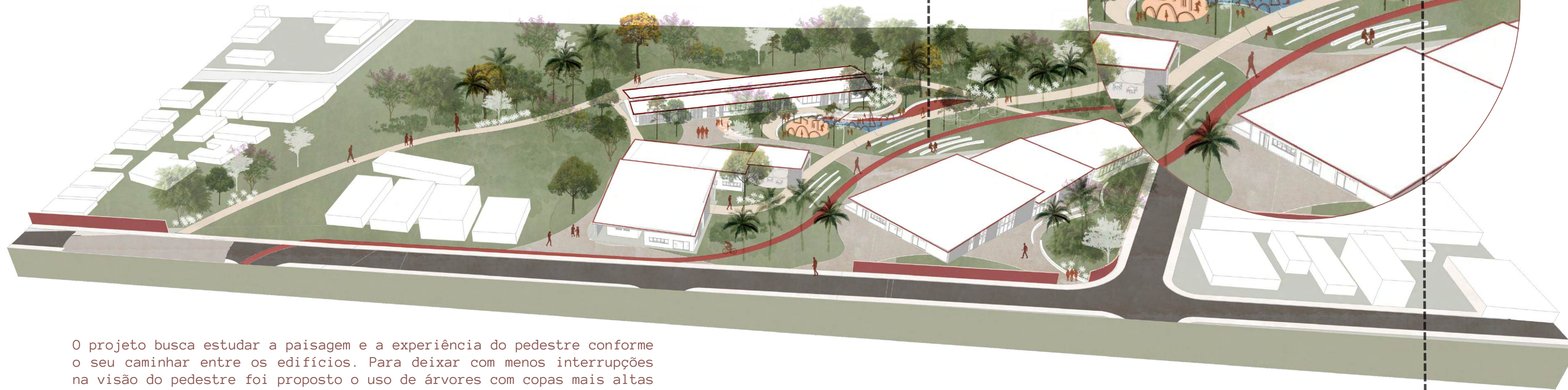
1.Corte um dos acessos do Pátio Cultural



2.Corte área Pátio Cultural, ao fundo Teatro Experimental



ISOMÉTRICA
sem escala



*área central do pátio /
arquibancada externa / bancos*

área de redes

O projeto busca estudar a paisagem e a experiência do pedestre conforme o seu caminhar entre os edifícios. Para deixar com menos interrupções na visão do pedestre foi proposto o uso de árvores com copas mais altas. No trajeto de entrada da quadra e o passeio até o teatro experimental foram propostas vegetações rasteiras e com copas baixas. O uso de palmeiras foi uma estratégia para direcionar o olhar para a parte do centro do projeto e localizar melhor o volume do Teatro Experimental.

Em locais onde a visão se perde no horizonte, foi possível explorar o uso de uma vegetação mais densa e diversificada, com a escolha de árvores com copas mais baixas (horizontais) junto a outras copas, combinados a outras vegetações rasteiras.





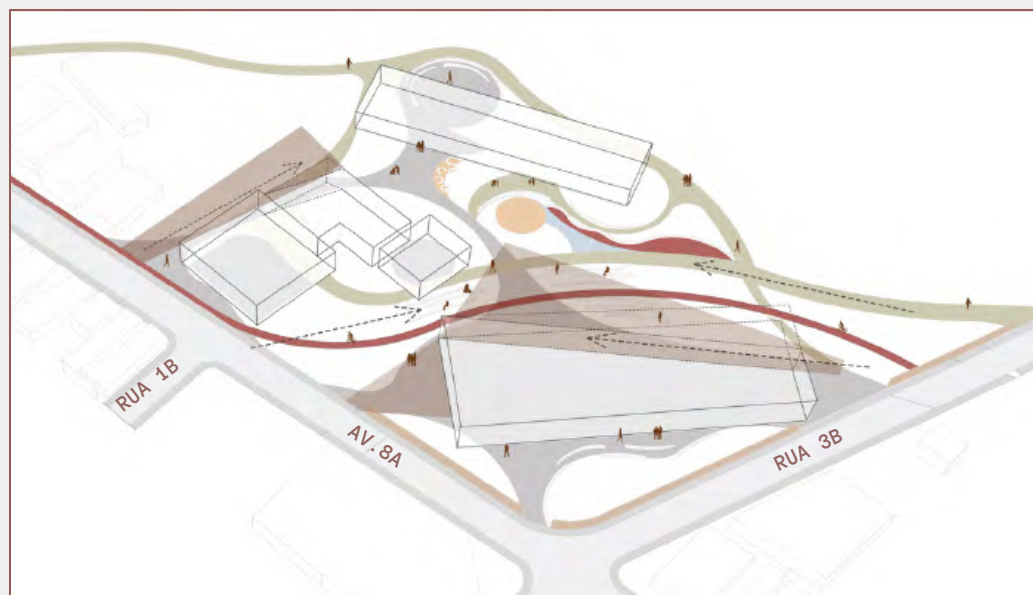


DIAGRAMA DE VOLUMES RECORTE E PERMEABILIDADE VISUAL

Desde sua idealização, o Pátio Cultural busca uma relação direta com o centro do projeto, ao passo que direciona alguns dos seus programas e usos principais para o centro. A estratégia se estabelece na permeabilidade visual vindo do fluxo da rua como um “convite” para o encontro com o espaço interno daquele território.

A forma dos volumes e seus respectivos recortes seguem a lógica de suas aberturas, de forma que, as elevações mais vistas da rua permitem que elas tenham acesso direto pelos pedestres vindos do fluxo da cidade.

No caso do volume do Teatro Experimental, o pedestre é convidado a entrar no edifício, pois os acessos direcionam para o interior ou o centro do pátio.

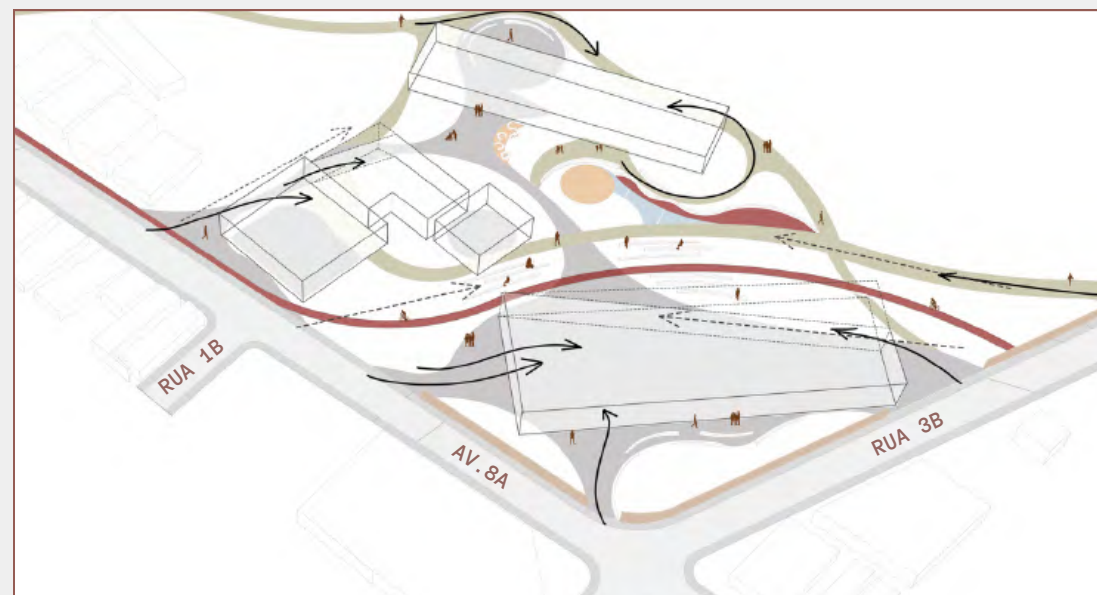


DIAGRAMA DE VOLUMES PERMEABILIDADE E FLUXOS PRINCIPAIS

Alguns fluxos de fora do pátio são direcionados para principais acessos no interior do projeto. Diferentemente do restante, o Teatro é o volume que cria uma barreira física, deixando essa possibilidade de acessar seu interior facilmente.

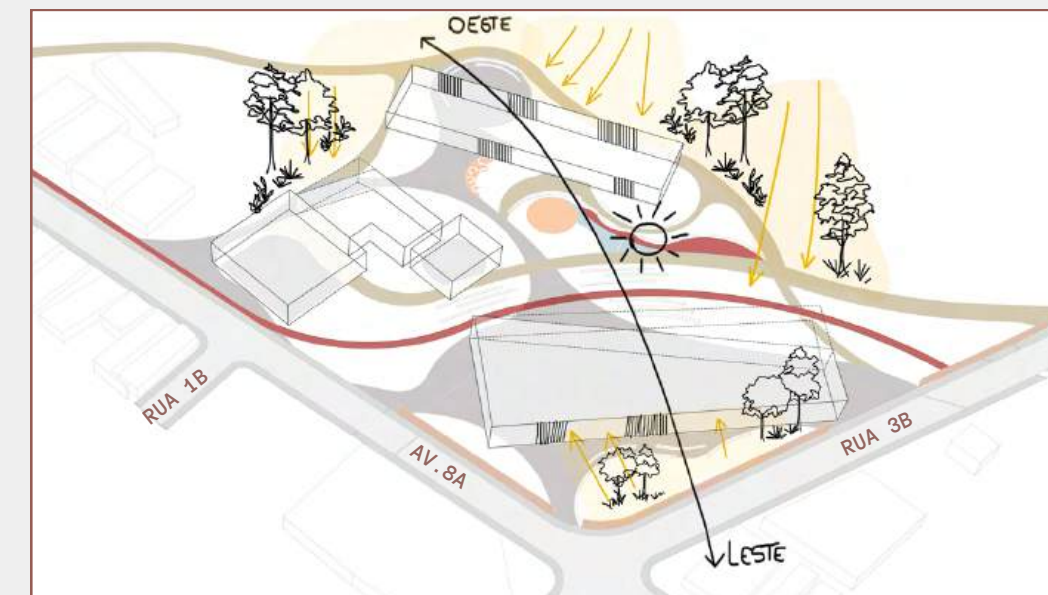


DIAGRAMA DE VOLUMES INSOLAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE CONFORTO TÉRMICO

Em áreas onde o sol se põe (oeste) e o calor fica mais intenso no final do dia, foi importante pensar em estratégias de coberturas vegetais mais densas e com copas maiores.

Além disso, inclui-se muitas das vezes o usos de outros artifícios, como fechamentos em brises de madeira ou placas perfuradas para compor as elevações do edifícios.



- 1 TEATRO EXPERIMENTAL
- 2 LUTAS E DANÇA
- 3 EXPOSIÇÕES, ADMINISTRAÇÃO E CAFÉ

- ÁREA RECREATIVA INFANTIL / EXPERIÊNCIA COM ÁGUA
- PALCO EXTERNO E ARQUIBANCADA EXTERNA
- ARENA CIRCULAR - LUTAS AO AR LIVRE

IMPLANTAÇÃO PÁTIO CULTURAL + TÉRREO

1 **TEATRO EXPERIMENTAL/ SALAS MULTIUSOS + SALAS DE ENSAIO**

1. RECEPÇÃO
2. COMEDORIA
3. SALA TÉCNICA TEATRO
4. APOIO TÉCNICO / APOIO DE FUNCIONÁRIOS
5. CAMARIM GERAL/ABERTO
6. CAMARIM INDIVIDUAL + BANHEIRO
7. PRÉ-CAMARIM
8. BANHEIROS CAMARIM
9. BANHEIROS PÚBLICO / PCD
10. DEPÓSITO
11. DESPENSA
12. ÁREA ADMINISTRATIVA DAS SALAS
13. SALAS MULTIUSOS INTEGRADAS
14. FOYER
15. SALAS DE ENSAIO
16. SALA DE CAMARIM + REUNIÃO

2 **LUTAS E DANÇA/MÚSICA**

1. SALÃO DE LUTAS
2. SALA DE MÚSICA
3. GRANDE SALA
4. BANHEIROS + VESTIÁRIOS / PCD
5. BANHEIRO EXTERNO PÚBLICO
6. REFEITÓRIO E COZINHA COMUNITÁRIA
7. DESPENSA
8. APOIO COZINHA + DEPÓSITO

3 **EXPOSIÇÕES + CAFÉ + ADMINISTRAÇÃO**

1. SALA DE FUNCIONÁRIOS
2. REUNIÃO PARA SERVIÇOS GERAIS
3. ENFERMARIA
4. DEPÓSITO DE MATERIAIS GERAIS/DE LIMPEZA
5. DESPENSA
6. ACERVO
7. BANHEIROS PÚBLICOS / PCD
- 8.2 SALAS EXPOSITIVAS
9. DEPÓSITO E MATERIAIS EXPOSITIVOS
10. ACERVO E ADMINISTRATIVO
11. COZINHA
12. DESPENSA COZINHA
13. APOIO COZINHA
14. CAFÉ
15. BANHEIROS CAFÉ

1 **TEATRO EXPERIMENTAL**

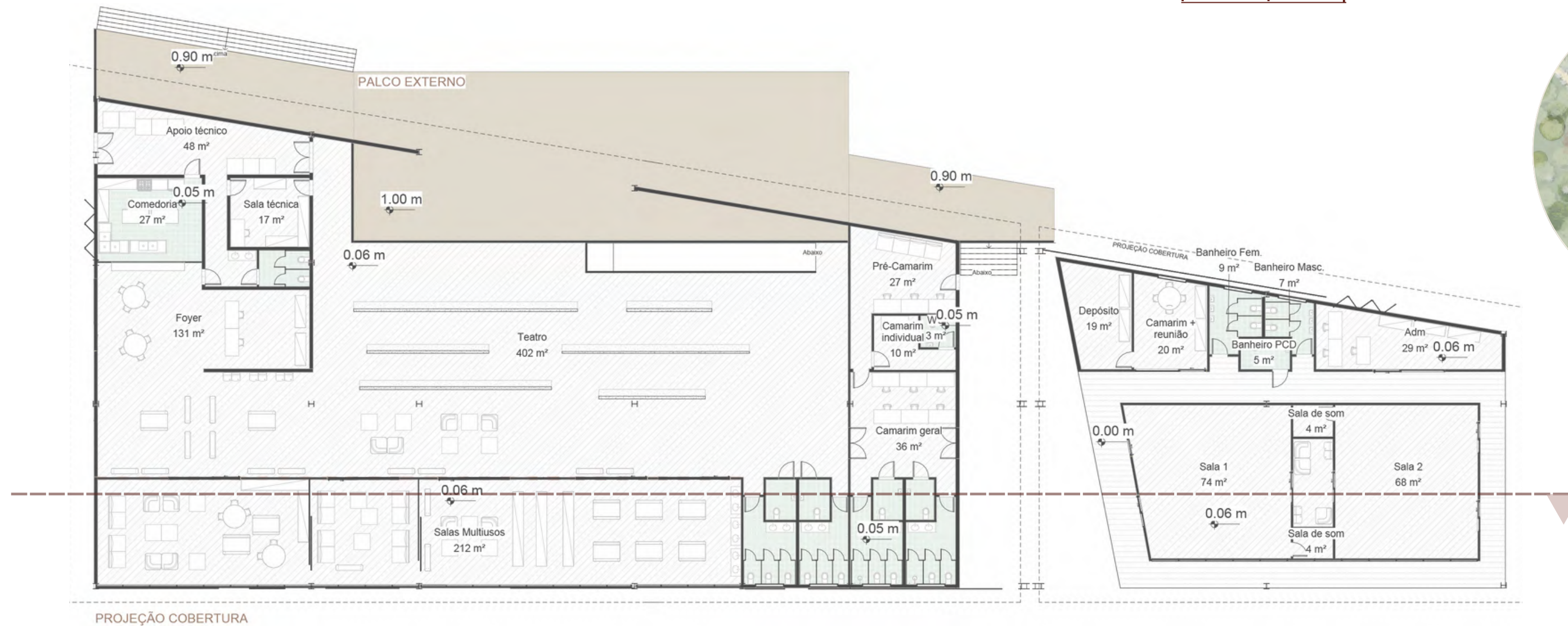
2 **LUTAS E DANÇA**

3 **EXPOSIÇÕES, ADMINISTRAÇÃO E CAFÉ**





PLANTA DE SITUAÇÃO



PROJEÇÃO COBERTURA



TÉRREO TEATRO EXPERIMENTAL

- TEATRO EXPERIMENTAL/ SALAS MULTIUSOS
+ SALAS DE ENSAIO
1. RECEPÇÃO
 2. COMEDORIA
 3. SALA TÉCNICA TEATRO
 4. APOIO TÉCNICO / APOIO DE FUNCIONÁRIOS
 5. CAMARIM GERAL/ABERTO
 6. CAMARIM INDIVIDUAL + BANHEIRO
 7. PRÉ-CAMARIM
 8. BANHEIROS CAMARIM
 9. BANHEIROS PÚBLICO / PCD
 10. DEPÓSITO
 11. DESPENSA
 12. ÁREA ADMINISTRATIVA DAS SALAS
 13. SALAS MULTIUSOS INTEGRADAS
 14. FOYER
 15. SALAS DE ENSAIO
 16. SALA DE CAMARIM + REUNIÃO

USOS E PROGRAMAS

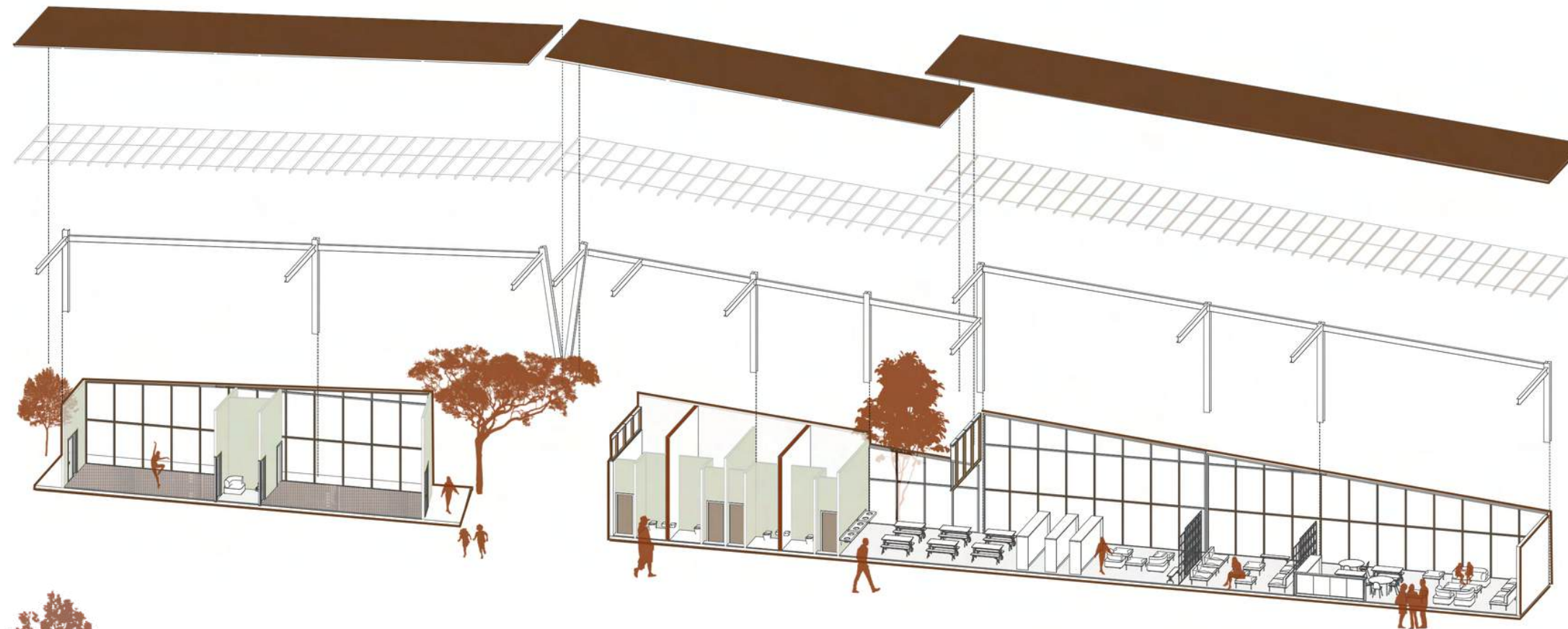
O Teatro Experimental conta com o uso predominantemente do térreo, com ambientes abertos, pé direito alto e aberturas temporárias. As salas multiusos contam com aberturas laterais que permitem a relação com o ambiente interno e externo da edificação.

Ambos os blocos podem ser apropriados separadamente ou compartilhados, no caso do volume com o Palco Externo, ele pode compor um evento completo, enquanto o bloco das salas de ensaio são utilizadas para atividades complementares ou separadamente como salas de ensaio independentes.



Este edifício se caracteriza por ser o elemento central das atividades culturais do pátio, já que recebe atenção de todos os fluxos vindos da rua e de outros volumes adicionais na implantação.

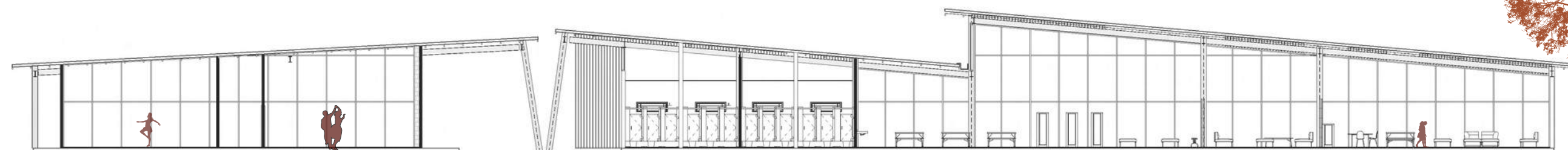
Seu volume se apresenta com aberturas zenitais e uma estrutura de pilares e vigas metálicas. Em ambientes de usos diversos, como as salas multiusos, foi importante explorar a permeabilidade visual e física, apenas dando atenção a pequenas divisórias ou elementos de fechamento temporários.



ISOMÉTRICA EXPLODIDA



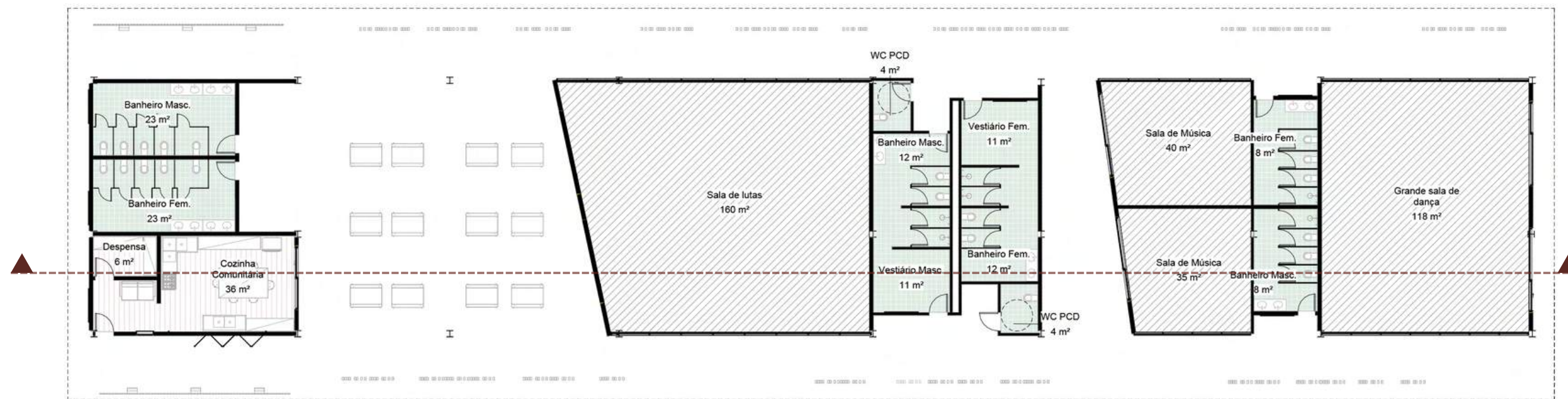
PERSPECTIVA TEATRO + PALCO EXTERNO



CORTE TRANSVERSAL







O edifício que contempla o programa de ampliação das atividades de lutas e dança busca se relacionar, principalmente em sua forma, com galpão antigo das atividades do boxe. As salas são divididas entre si com vestiários/banheiros, mantendo em toda sua circulação o contato com o ambiente externo. A escolha dos fechamentos permitem permeabilidade visual para o pedestre que caminha a sua volta, já o uso de brises de madeira na fachada é a escolha ideal para diminuir a incidência solar conforme sua orientação.



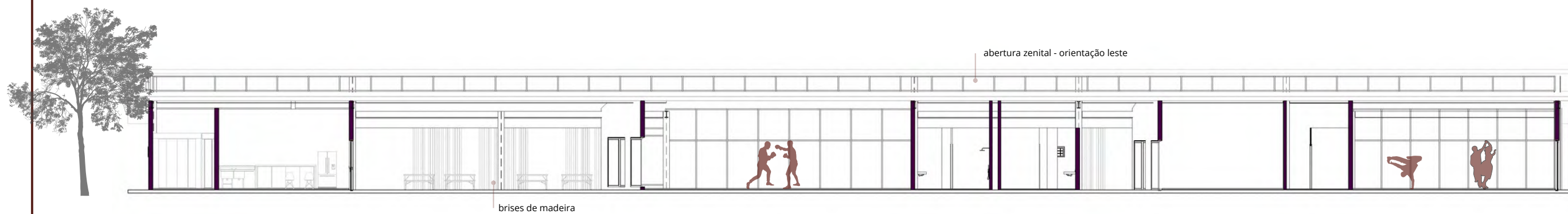
TÉRREO - LUTAS E DANÇA



USOS E PROGRAMAS

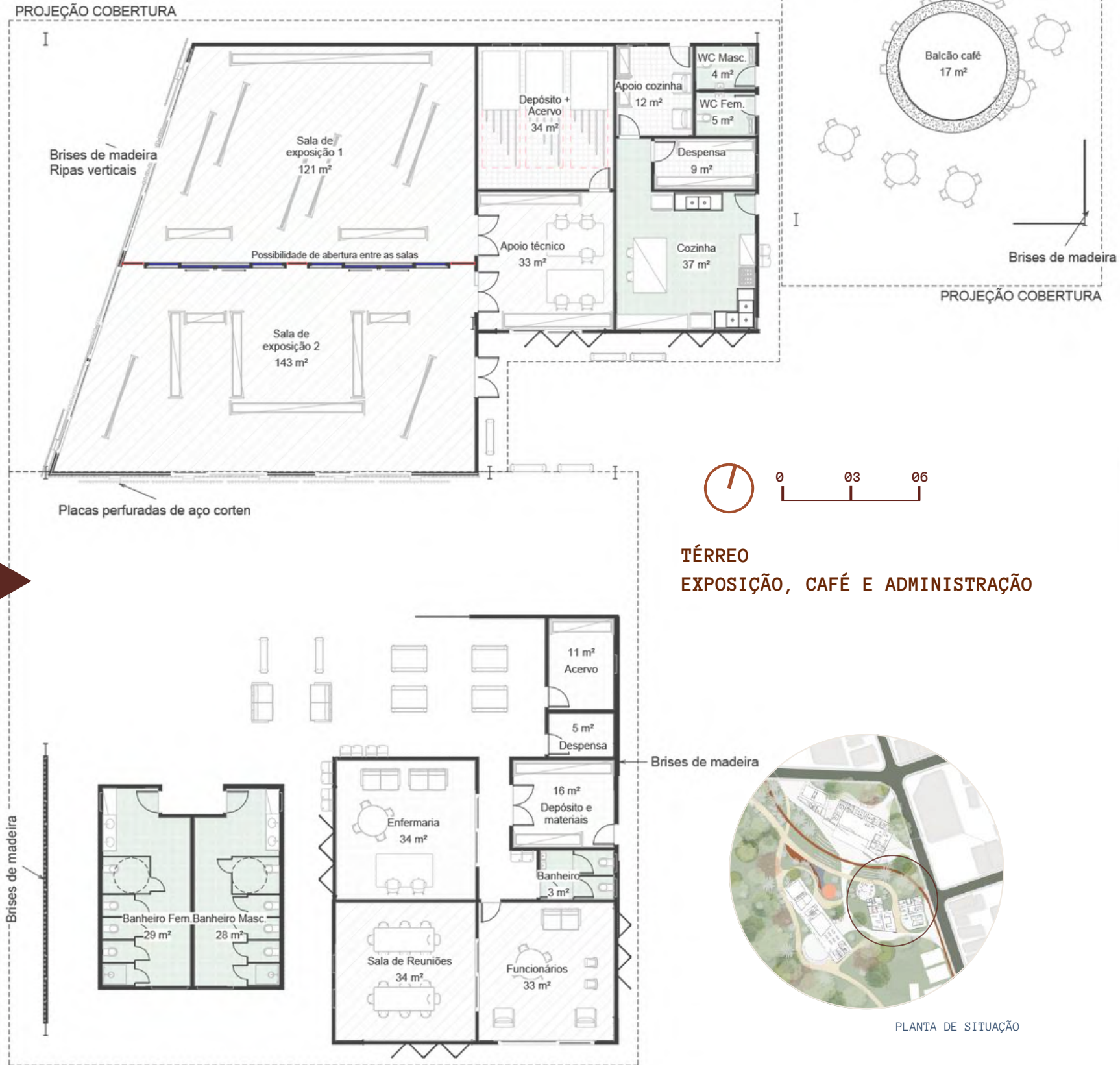
LUTAS E DANÇA/MÚSICA

1. SALÃO DE LUTAS
2. SALA DE MÚSICA
3. GRANDE SALA
4. BANHEIROS + VESTIÁRIOS / PCD
5. BANHEIRO EXTERNO PÚBLICO
6. REFEITÓRIO E COZINHA COMUNITÁRIA
7. DESPENSA
8. APOIO COZINHA + DEPÓSITO

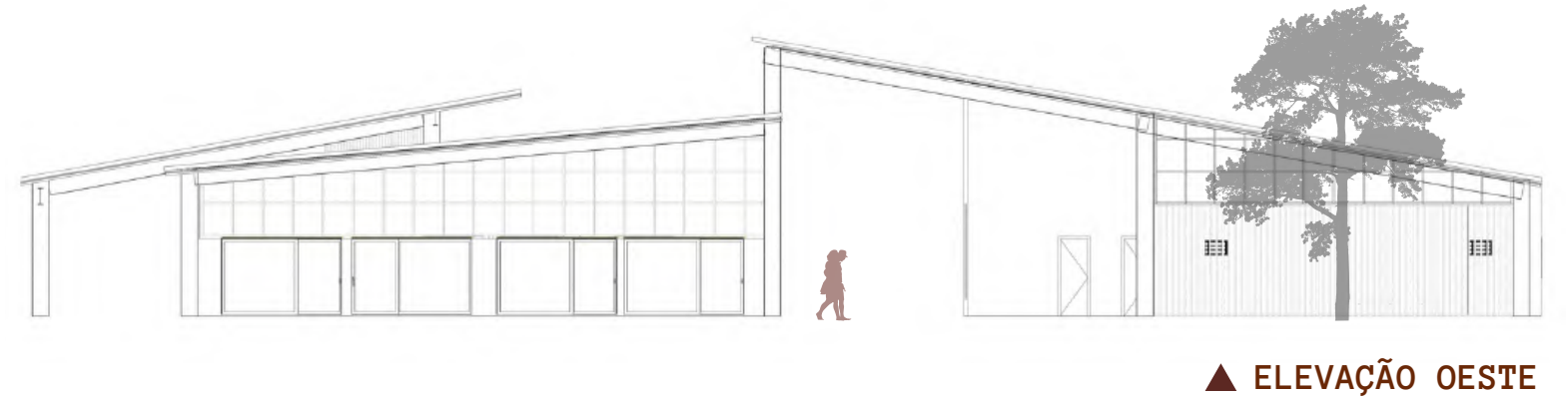


CORTE - LUTAS E DANÇA





- 3 EXPOSIÇÕES + CAFÉ + ADMINISTRAÇÃO**
1. SALA DE FUNCIONÁRIOS
 2. REUNIÃO PARA SERVIÇOS GERAIS
 3. ENFERMARIA
 4. DEPÓSITO DE MATERIAIS GERAIS/DE LIMPEZA
 5. DESPENSA
 6. ACERVO
 7. BANHEIROS PÚBLICOS / PCD
 8. 2 SALAS EXPOSITIVAS
 9. DEPÓSITO E MATERIAIS EXPOSITIVOS
 10. ACERVO E ADMINISTRATIVO
 11. COZINHA
 12. DESPENSA COZINHA
 13. APOIO COZINHA
 14. CAFÉ
 15. BANHEIROS CAFÉ



USOS E PROGRAMAS

O programa deste edifício conta com 3 usos distintos:

1. O espaço do café que se direciona mais ao centro do Pátio Cultural com uma relação direta para o palco externo no Teatro Experimental.
2. A área destinada ao uso administrativo conta com ambientes de apoio para funcionários, bem como área de reunião e sala de descanso. Foi interessante incluir neste volume a área da enfermaria, para servir de apoio para as atividades culturais/esportivas.
3. Como uma das portas de acesso para o Pátio Cultural, foi proposto duas grandes salas de exposições, que podem compor exposições permanentes e temporárias.

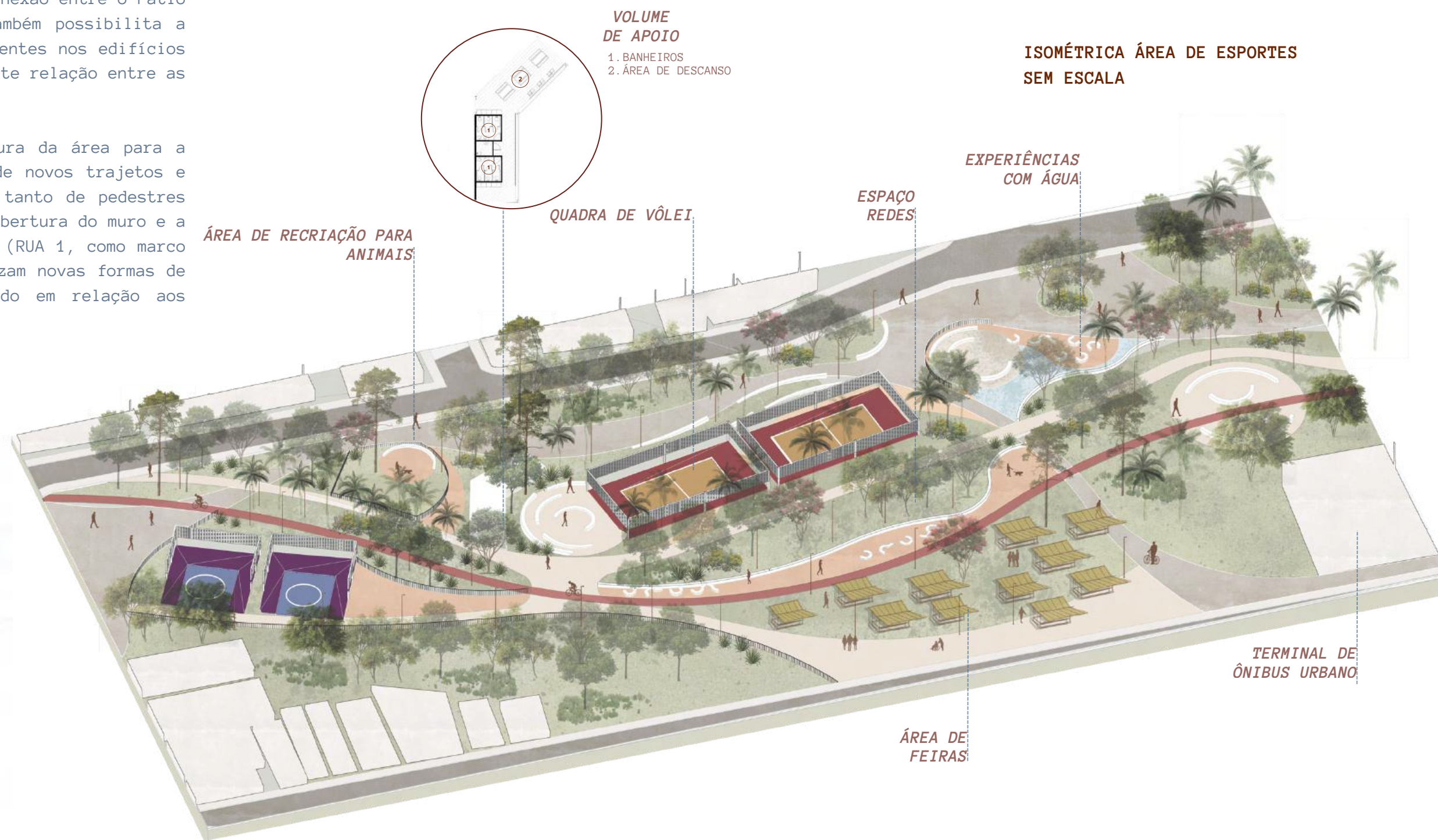




ÁREA 2. ESPORTES

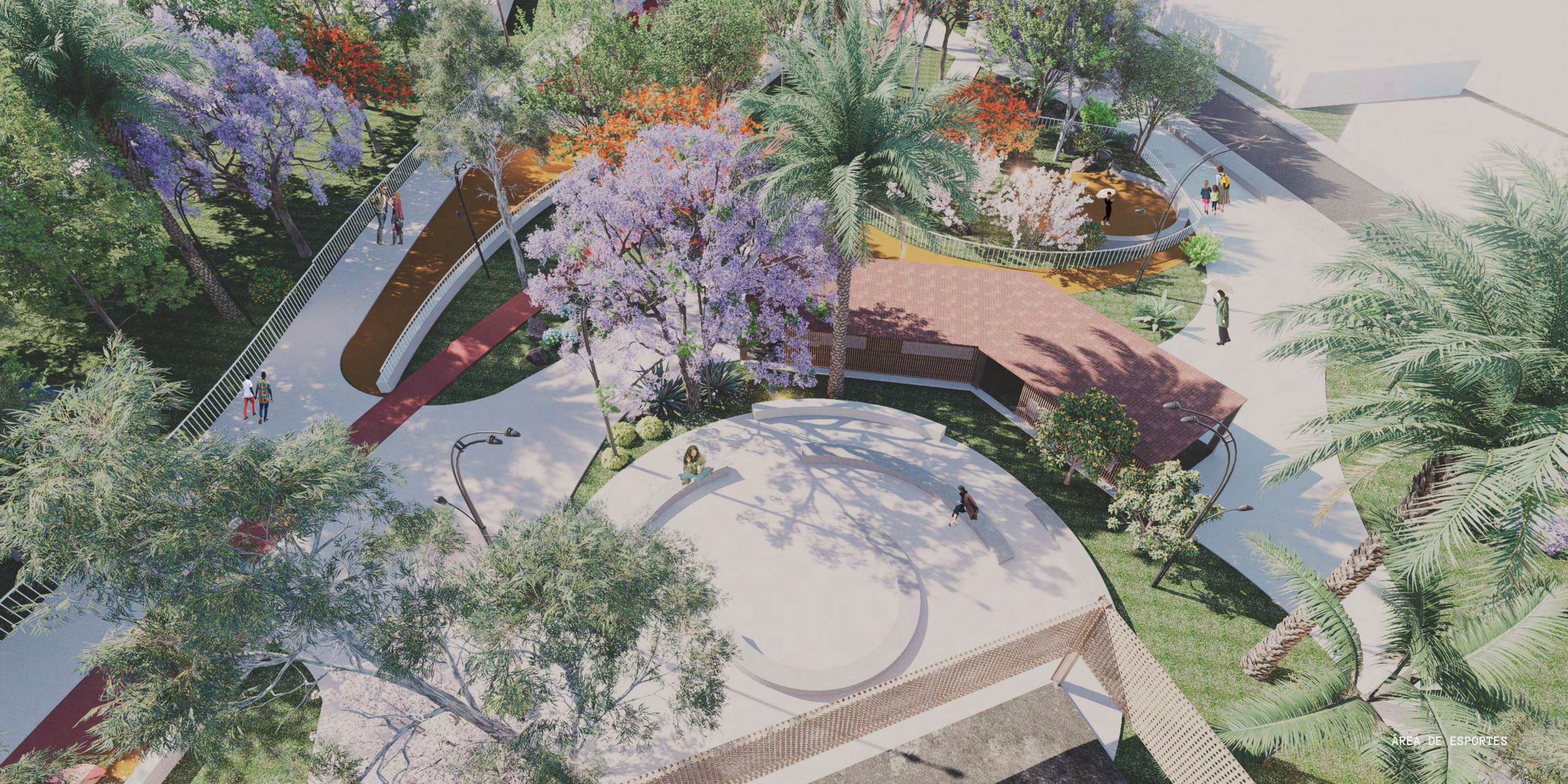
Esta área tem como principal objetivo estabelecer uma conexão entre o Pátio Cultural e o Antigo Galpão. Esse percurso proposto também possibilita a diversificação das formas de uso dos programas já existentes nos edifícios e na implantação, como o esporte, promovendo uma diferente relação entre as duas outras áreas citadas anteriormente.

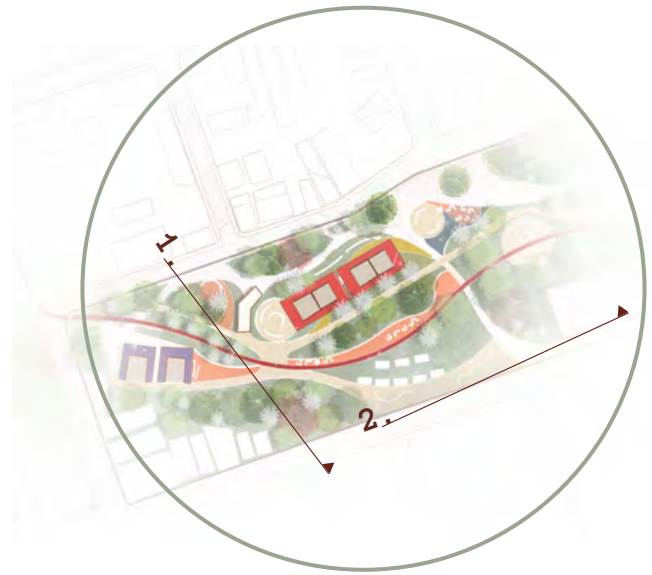
Além disso, destaca-se como aspecto relevante a abertura da área para a cidade, favorecendo o fluxo de pedestres e a criação de novos trajetos e acessos. Inserida em uma região de intensa circulação tanto de pedestres quanto de transportes públicos, a proposta contempla a abertura do muro e a criação de uma ligação direta com o Terminal de Ônibus (RUA 1, como marco inicial da cidade). Essas pontuais intervenções viabilizam novas formas de apropriação do espaço, anteriormente isolado e fechado em relação aos fluxos naturais da cidade.





EXPERIÊNCIAS COM ÁGUA





1. Corte área de esportes, ao fundo o Galpão Antigo

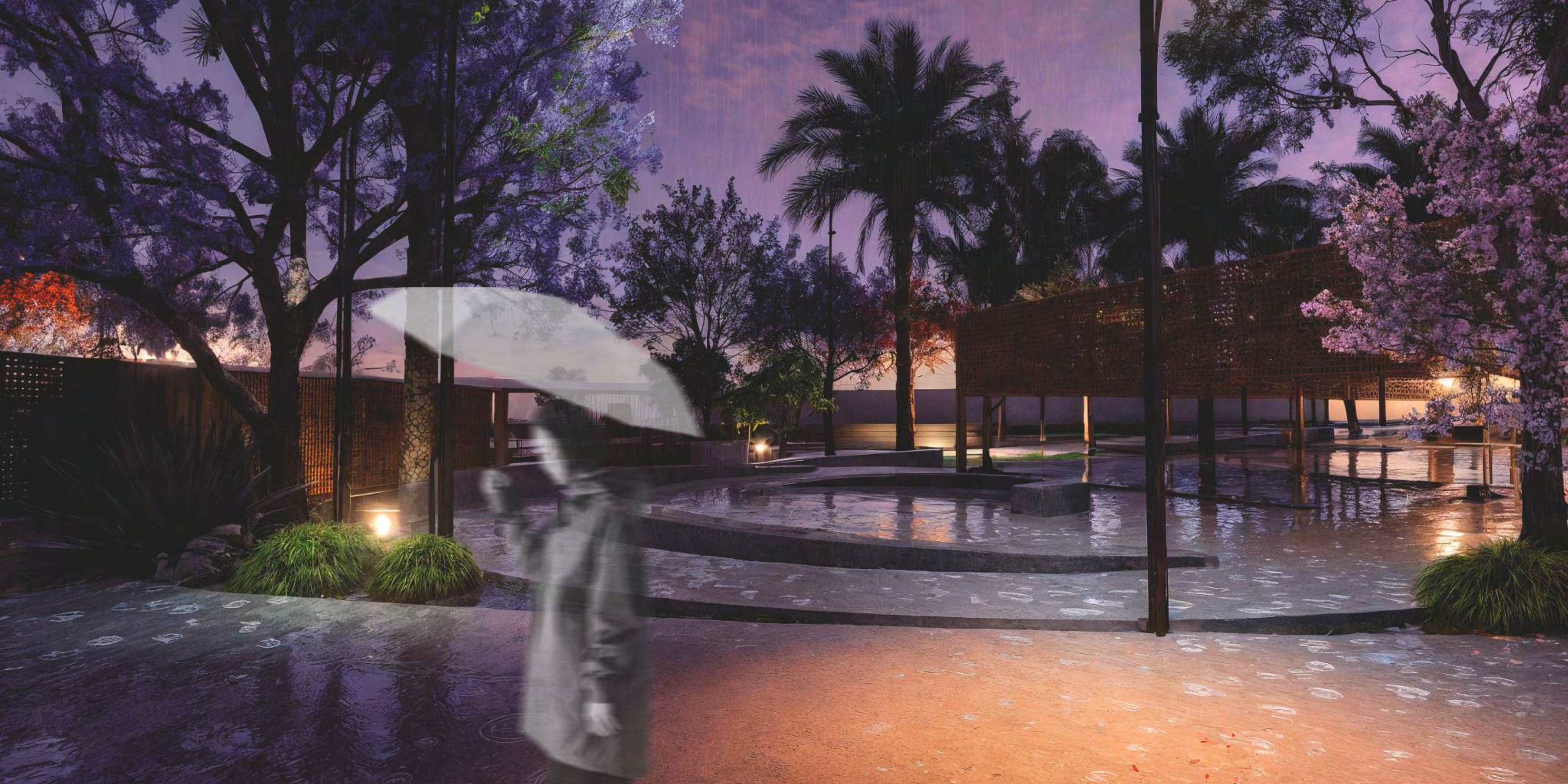


2.



2. Corte área das feiras e acesso pelo Terminal de ônibus urbano

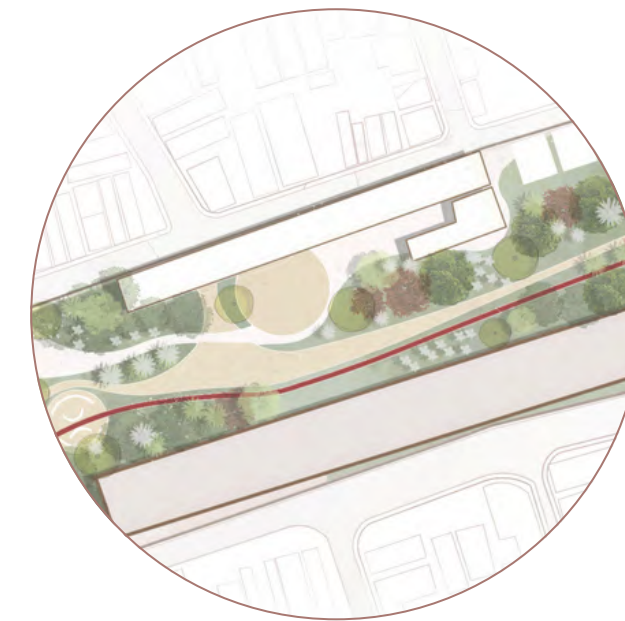




ÁREA 3. GALPÃO DE ATIVIDADE DO BOXE + ANEXO

Esta área possui grande relevância para o desenvolvimento do projeto, sendo inicialmente o partido do restante da implantação. O galpão, conforme foi mencionado anteriormente, abriga as atividades do MM Boxe, além de outras funções no edifício. Frequentemente, o espaço é utilizado para festivais, festas e eventos que atraem a atenção da comunidade de Rio Claro.

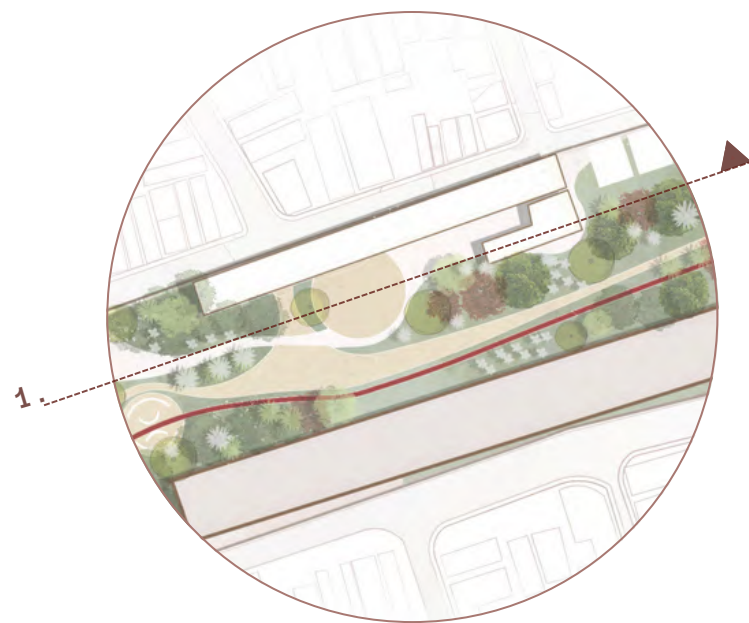
Para além da reabilitação do galpão existente, a proposta arquitetônica contempla a criação de um anexo complementar, diretamente vinculado às atividades já desenvolvidas no local. Este novo volume funcionará como apoio funcional, atuando como um espaço servente ao galpão principal e às atividades que já funcionam no espaço. Considerando que a maioria dos eventos ocorre na área externa, na relação entre o externo e o interior do edifício, propõe-se a implantação de uma ampla praça seca, com capacidade de acolher uma variedade de atividades culturais, esportivas e sociais com relação direta ao novo anexo.



LOCALIZAÇÃO NA IMPLANTAÇÃO



ISOMÉTRICA GALPÃO + ANEXO
SEM ESCALA

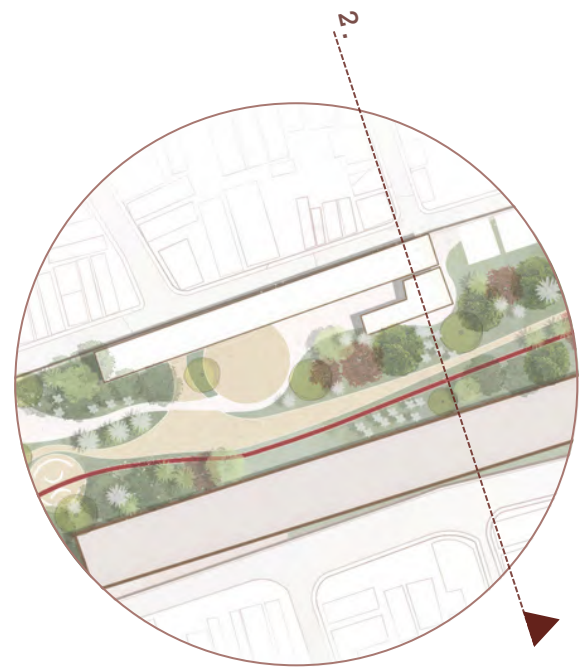


LOCALIZAÇÃO NA IMPLANTAÇÃO

1. CORTE / ELEVAÇÃO + ANEXO







LOCALIZAÇÃO NA IMPLANTAÇÃO

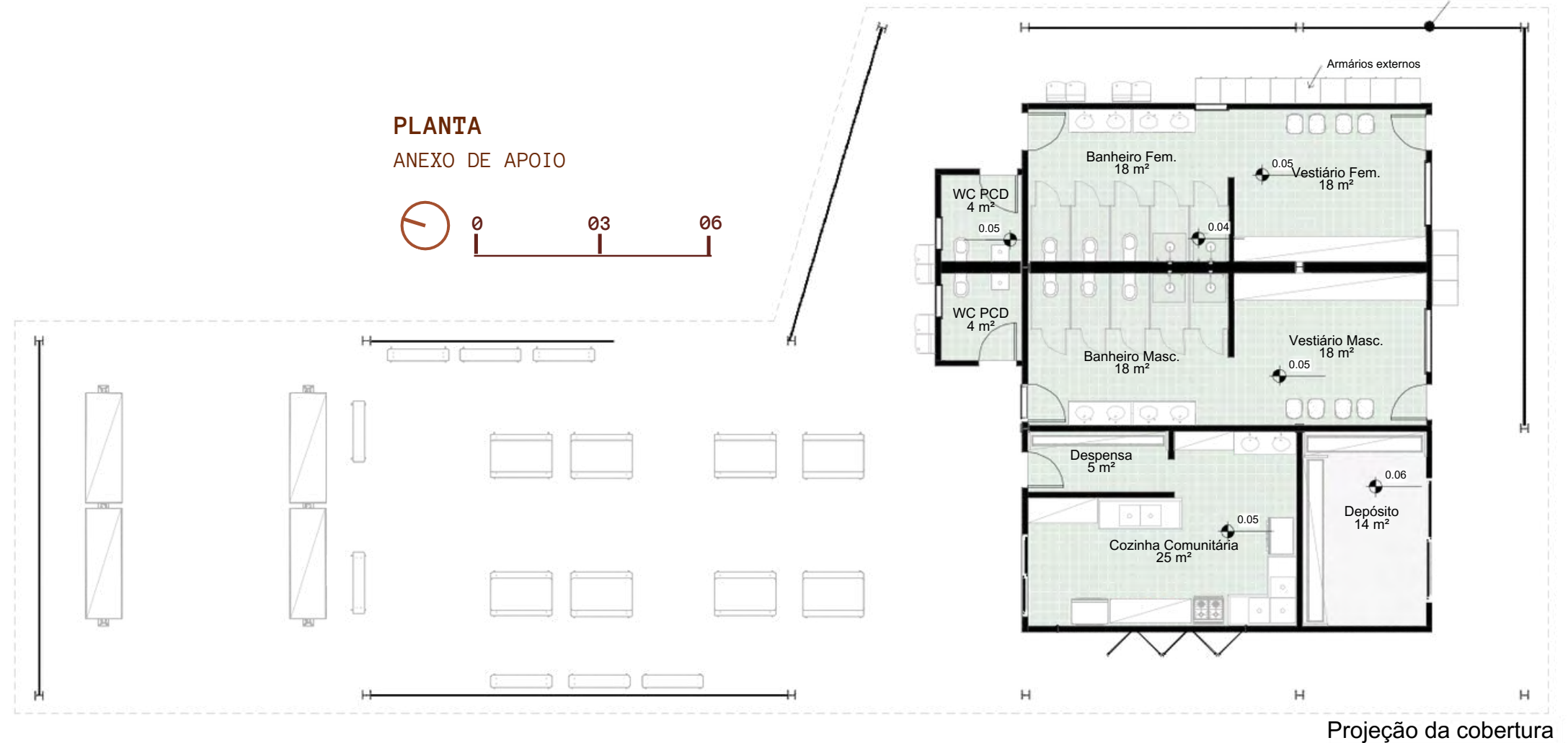
USOS E PROGRAMAS

O galpão de atividades conta com espaços reduzidos em seu interior, com poucas divisões internas ou apoio técnicos para as atividades. A construção do anexo surge como um edifício de uso agregado, que tem como objetivo auxiliar no funcionamento do galpão como um todo, incluindo todas as suas rotinas de atividades já existentes no espaço.

Para isso, foi importante compreender as necessidades mais claras do edifício e coloca-las em um volume adjacente, que tivesse relação direta com a circulação de pessoas no galpão e a área externa.

Assim, o programa proposto foi 2 banheiros acompanhados cada um deles por vestiários, uma cozinha comunitária, um depósito e um espaço de permanência e eventos na parte externa do edifício.

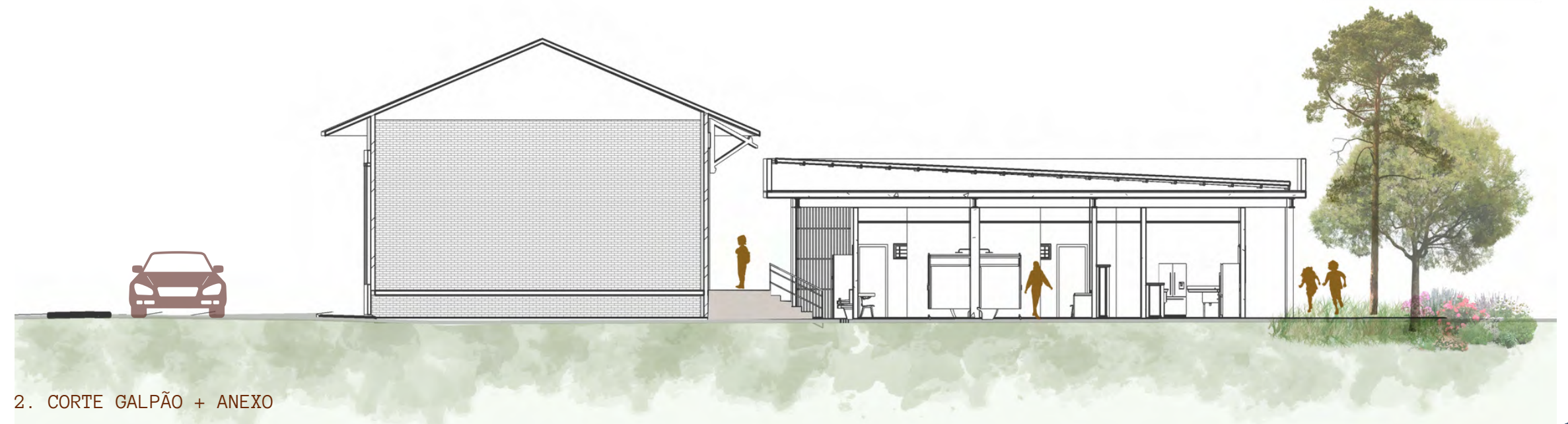
PLANTA ANEXO DE APOIO



Projeção da cobertura



2. CORTE GALPÃO + ANEXO





ARANTES, Antonio Augusto. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil. Inovação cultural, patrimônio e educação, v. 1, p. 52-63, 2011.

AUGÉ, Marc. Por uma antropologia da mobilidade. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

BRASIL ARQUITETURA, 2009. Disponível em: <https://brasilarquitetura.com/project/teatro-de-piracicaba>. Acesso em: 22 set 2024

CHAUÍ, Marilena. O que é cultura. YouTube, 21 ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-YQcFNoiDMw&list=LL&index=1> Acesso em 30 dez. 2021

Camila Bortoluzzi. "Proposta vencedora do YAP_Constructo 2012: "The Garden of Forking Paths" / Beals & Lyon" 28 Set 2012. ArchDaily Brasil. Acessado 25 Nov 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/01-72889/proposta-vencedora-do-yap-constructo-2012-the-garden-of-forking-paths-beals-e-lyon>> ISSN 0719-8906

Casa Ventana / Bloco B arquitetura + Arquitetura Bossa" 08 Out 2021. ArchDaily Brasil. Acessado 25 Nov 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/938546/casa-ventana-bloco-b-arquitetura-plus-arquitetura-bossa>> ISSN 0719-8906

DO VALLE ZONNO, Fabiola. A poética de Bernard Tschumi como complexidade e a interpretação do contexto. arq. urb, n. 18, p. 61-84, 2017. Acesso em: 10 set 2024

FERREIRA, Monica Cristina Brunini Frandi; DE OLIVEIRA, Carolina Bortolotti; BENINCASA, Vladimir. URBANIZAÇÃO E FERROVIA: implantação do sistema ferroviário e suas consequências no espaço urbano da cidade de Rio Claro/SP. VI Colóquio Latino-Americano sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial, p. 1-19, 2012.

ROSA, Iná. Vazios urbanos como vazios de preservação: franco da rocha nas terras de Juquery. PosFAUUSP, n. 23, p. 120-139, 2008.

GIESBRECHT, Cia. Paulista de Estradas de Ferro, 2021. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/r/rioclaro.htm>. Acesso em: 20 nov 2024)

G1 2022. RUMO VAI MANTER EM RIO CLARO OFICINAS DE VAGÕES DE TREM APÓS POSSIBILIDADE DE MUDANÇA, DIZ PREFEITURA. DISPONÍVEL EM [HTTPS://G1.GLOBO.COM/SP/SAO-CARLOS-REGIAO/NOTICIA/2022/01/28/RUMO-VAI-MANTER-EM-RIO-CLARO-OFFICINAS-DE-VAGOES-DE-TREM-APOS-POSSIBILIDADE-DE-MUDANCA.GHTML](https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2022/01/28/rumo-vai-manter-em-rio-claro-oficinas-de-vagoes-de-trem-apos-possibilidade-de-mudanca.ghtml) (ACESSO EM: 12 MAI 2025)

SMITH, Laurajane. Desafiando o discurso autorizado de patrimônio/ Dossiê, v. 21, n. 2, 2021. Acesso em: 10 set 2024

MACEDO, Breno. Quem somos nós. MM Boxe - Rio Claro, 2024. Disponível em: <https://mmboxe.blogspot.com/>

Matheus Pereira. "Parque da Juventude: Paisagismo como ressignificador espacial" 04 Out 2017. ArchDaily Brasil. Acessado 25 Nov 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/880975/parque-da-juventude-paisagismo-como-ressignificador-espacial>> ISSN 0719-8906

NORA, Pierre, ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA, 1993. Tradução: Yara Aun Houry

NUNES, Andréa Batista. Memória e ferrovia: diferentes gerações relembando a experiência da Cia. Paulista de Estradas de Ferro em Rio Claro. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Acesso em: 10 set 2024

"Parque Realengo Susana Napolini / Ecomimesis Soluções Ecológicas" 22 Jul 2024. ArchDaily Brasil. Acessado 25 Nov 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/1019057/parque-realengo-susana-napolini-ecomimesis-solucoes-ecologicas>> ISSN 0719-8906

Prefeitura Municipal de Rio Claro, HISTÓRIA DO MUNICÍPIO, 2024. Disponível em: <https://rioclaro.sp.gov.br/municipio/historia/>. Acesso em: 10 set 2024

PLANO DIRETOR DE RIO CLARO, LEI COMPLEMENTAR Nº 204 DE 10 DE JULHO DE 2024. Disponível em: <https://www2.rioclaro.sp.gov.br/pd/> Acesso em: 10 set 2024

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Territorios. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, Sa, 2003. 208 p.



AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a esse trabalho, os meus pais, Junior e Paula, por todo o suporte e amor dedicado a mim durante este processo, ao meu irmão Leonardo, por toda a amizade, carinho e atenção em mim e no meu aprendizado, sem vocês nada disso seria possível.

Ao Bruno, por me encorajar e sempre se manter ao meu lado, sua companhia faz toda a diferença. Agradeço aos meus amigos de curso pelo compartilhamento de aprendizados e belas memórias nessa jornada. Aos meus amigos de infância que sempre me dedicaram apoio, a amizade de vocês me motiva.

E por fim, agradeço ao belo trabalho dos orientadores e funcionários da instituição que puderam tornar possível a minha formação.

